



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**ASCENSÃO DAS VILÃS DOS CONTOS DE FADAS NA
CONTEMPORANEIDADE**

NATHALIA TOURINHO DUARTE

RIO DE JANEIRO

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**ASCENSÃO DAS VILÃS DOS CONTOS DE FADAS NA
CONTEMPORANEIDADE**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

NATHALIA TOURINHO DUARTE

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa

RIO DE JANEIRO

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Ascensão das vilãs dos contos de fadas na contemporaneidade**, elaborada por Nathalia Tourinho Duarte.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dra. Lígia Campos de Cerqueira Lana
Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Márcio Tavares D'Amaral
Doutor em Letras pela Faculdade de Letras - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

DUARTE, Nathalia Tourinho.

Ascensão das vilãs dos contos de fadas na contemporaneidade.

Rio de Janeiro, 2015.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação –
ECO.

DUARTE, Nathalia Tourinho. **Ascensão das vilãs dos contos de fadas na contemporaneidade**. Orientadora: Cristiane Henriques Costa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar a ascensão das vilãs dos contos de fadas na contemporaneidade, que têm ganhado espaço na mídia e conquistam inúmeros fãs. Símbolos de poder, beleza e superioridade, elas passam a ser referência nos modos de agir, se vestir e maquiar. Vemos a independência e o poder dessas antagonistas sendo almejado. Elas possuem objetivos de vida próprios, sem depender de príncipes para serem felizes para sempre. São determinadas, inteligentes e poderosas. Será abordado as mudanças sociais, na ética e na moral, que levaram à relativização do mal, mostrando que o que é bom ou mau depende apenas do ponto de vista.

Palavras-chave: Vilãs, contos de fadas, mudanças sociais.

SUMÁRIO

- 1. Introdução**
- 2. Contos de fadas e a representação do mal**
- 3. As novas vilãs e a mudança na construção do perfil das antagonistas**
- 4. Transformações sociais que ocasionaram mudanças na construção do perfil das antagonistas dos contos de fadas**
 - 4.1 Ética e moral ligadas ao bem e ao mal
 - 4.2 Noção do mal
- 5. Recepção e ascensão das vilãs dos contos de fadas**
- 6. Conclusão**
- 7. Referências Bibliográficas**

ANEXO I

1 – INTRODUÇÃO

Ao longo de muitos anos as princesas foram impostas como modelos a serem seguidos pelas mulheres. Delicadas, ingênuas, boas, lindas e sempre perfeitas, impõem um ideal impossível de ser alcançado. Os estúdios Disney por muitos anos reforçaram a imposição desse padrão impossível de ser alcançado e a atemporalidade dos filmes e séries baseados nos contos de fadas favoreceu o longo período de perpetuação. Porém, com as mudanças sociais, o vilão deixou de ser visto como o mal absoluto, que precisa ser combatido, e o que era preto no branco ganhou nuances em tons de cinza.

Este trabalho pretende estudar a imagem de algumas vilãs dos contos de fadas que tiveram suas histórias reformuladas. As atitudes que antes eram consideradas motivo para serem terrivelmente castigadas, agora são relativizadas e justificadas.

O primeiro capítulo abordará os tradicionais contos de fadas, a construção de vilãs feias, velhas, más, malvestidas e condenadas a um fim trágico. Utilizando diversos autores, principalmente Bruno Bettelheim, será mostrada a importância dos contos de fadas na formação infantil, ajudando a lidarem com seus medos e no seu amadurecimento, mas também estimulando a visão maniqueísta.

Já o segundo capítulo terá a apresentação das vilãs dos contos de fadas na atualidade. Através de exemplos na literatura, no teatro, em filmes, séries e desenhos, percebemos que os perfis das antagonistas sofreram uma grande mudança. As ações que antes eram cometidas apenas por maldade, hoje são justificadas e relativizadas. Será mostrado a personagem Malévola, do clássico *A Bela Adormecida*, de Walt Disney em 1959, que teve um filme lançado em 2014, retratando a história a partir da perspectiva da vilã. O papel é interpretado por Angelina Jolie, considerada uma das mulheres mais bonitas do mundo, o que contradiz a tradição das vilãs sempre serem feias. Também será contada a história de Regina Mills, mais conhecida como Rainha Má, na série de TV, *Once upon a time*, e também a da Rainha Elsa que, mesmo sendo “mocinha”, foi considerada uma grande vilã por seu reino durante a maior parte da animação *Frozen*. O livro *dos vilões* reúne quatro contos de fadas, segundo a perspectiva dos vilões, na contemporaneidade. Além do musical *Wicked: the untold story of the Witches of Oz* (2003), que conta a história da Bruxa Malvada do Oeste.

No capítulo seguinte será abordado a mudança, ao longo do tempo, do que poderia ser considerado ético - valores morais que orientam o indivíduo em sociedade, reflete os

valores morais - e moral - conjunto de regras para o cotidiano a respeito do que é certo e errado, bom e mau - de acordo com diversos pensadores fundamentais nas mudanças sociais. A diminuição da influência da moral cristã teve um papel fundamental para a relativização do mal e a aceitação dos “pequenos pecados”.

No último capítulo será mostrado que as vilãs são queridas pelo público, que se identificam com mais facilidade com tais personagens, pois elas são mais reais, diferente das princesas, um padrão impossível de ser seguido. A mídia se apropria das mudanças sociais e passa a reproduzir produtos que, ao mesmo tempo, refletem e influenciam tais transformações. A indústria também se apropria e passa a estimular o consumo de produtos que dariam o poder, beleza e independência das antagonistas para as mulheres. Blogueiras e páginas de redes sociais também passam a enaltecer as personagens com quem, há um tempo, ninguém gostaria de parecer.

As atuais vilãs se tornaram queridas pelo público e possuem características almeçadas pelas mulheres. Ao contrário das princesas que, em sua maioria, dependem do príncipe encantado para ter um final feliz, têm que se enquadrar nos padrões estabelecidos e ter apenas qualidades, as vilãs têm objetivos de vida próprios, sem depender de príncipes para serem felizes, não se importam com o que pensam ao seu respeito e não são perfeitas, mas são determinadas, inteligentes e poderosas.

2 – CONTOS DE FADAS E A REPRESENTAÇÃO DO MAL

Os contos de fadas surgiram da tradição oral, contados e adaptados através de séculos, conquistando adultos e crianças. Bettelheim (2002) afirma que, na Europa, os contos de fada surgiram como uma coleção de contos folclóricos, chamado *Gesta Romanorum*, de origem persa, escrito em latim, surgindo depois a coleção *As Mil e uma Noites*, com o folclore árabe. Quando pensamos em como surgiu os contos de fadas, lembramos principalmente dos Irmãos Grimm (1812) e de Perrault (1697). De acordo com Marie Louise Von Franz, no livro *A sombra e o mal nos contos de fada*, os contos originaram-se oralmente, nas mais antigas civilizações.

Pelos escritos de Platão sabemos que as mulheres mais velhas contavam às suas crianças histórias simbólicas – “mythoi”. (...) Mas temos uma informação ainda mais antiga, porque os contos de fada também foram encontrados nas colunas e papiros egípcios, sendo um dos mais famosos, o dos dois irmãos, Anubis e Bata. (...) Nossa tradição escrita data aproximadamente de 3.000 anos e o que é mais interessante, os temas básicos não mudaram muito. (...) Existem indícios de que alguns temas principais de contos se reportam a 25.000 anos a.C., mantendo-se praticamente inalterados. (FRANZ, 1985, p.11-12)

A denominação de contos de fadas é criada pela francesa Marie Catherine Le Jumel de Berneville, a Madame d’Aulinoy, com a publicação de suas obras em uma coleção chamada *Contes de fée*, entre 1696 e 1698. Mas não há um consenso de quando e como nasceram os contos de fadas entre os diversos autores que abordam o assunto.

Em *A psicanálise dos contos de fadas* (2002), Bruno Bettelheim realça que através dos contos de fadas várias questões inconscientes podem ser trabalhadas nas crianças, independentes do sexo, da idade delas e do herói da história. Estão presentes importantes elementos que conduzem as crianças a entenderem os seus problemas pessoais, que talvez não conseguiriam sozinhas, permitindo que elas amadureçam de maneira independente. “O conto de fadas simplifica todas as situações. Suas figuras são esboçadas claramente; e detalhes, a menos que muito importantes, são eliminados. Todos os personagens são mais típicos do que únicos” (BETTELHEIM, 2002, p. 7).

Os contos de fadas podem ser cruciais para a formação e desenvolvimento das crianças em relação a si e ao mundo à sua volta. O maniqueísmo claro, que divide as personagens em bons e maus, lindos e feios, apenas com qualidades e apenas com defeitos,

facilitaria à compreensão de certos valores essenciais para o convívio social e conduta humana, diz Bruno Bettelheim.

Podemos observar em algumas histórias infantis modernas a amenização de conflitos, perigos, do mau, poupando as crianças da existência de ansiedades e dilemas existenciais, o que afetaria o desenvolvimento da sua maturidade.

A apresentação das polarizações de caráter permite à criança compreender facilmente a diferença entre as duas, o que ela não poderia fazer tão prontamente se as figuras fossem retratadas com mais semelhança à vida, com todas as complexidades que caracterizam as pessoas reais. As ambiguidades devem esperar até que esteja estabelecida uma personalidade relativamente firme na base das identificações. (Ibidem, p. 9).

Segundo a autora Clarissa Estés, em seu livro *A terapia dos contos* (2005), as adaptações dos contos eliminaram alguns “episódios brutais”. Por exemplo, no conto original de *A Branca de Neve*, a madrasta é obrigada a dançar com chinelos de ferro em brasa até à morte, episódio não mostrado nas adaptações Disney. Em *Cinderela*, suas irmãs tem os olhos furados pelos pássaros da floresta. “Omitir que há violências, más opções e grandes paixões que subjagam a mente, e não ensinar à criança como proteger sua alma, a enfraquece” (ESTÉS, 2005, p.25).

A separação clara entre bem e mal, durante a infância, não seria prejudicial à formação de sua mentalidade ética. As crianças adquirem nos contos valores que ficarão intrínsecos na sua personalidade o resto da vida. Elas se identificam com heróis e princesas pois veem neles seus problemas infantis, de forma inconsciente. Assim, elas encontram motivação para superar os medos à sua volta, alcançando o equilíbrio adulto aos poucos, segundo Bettelheim.

De forma subjetiva, os contos de fadas abordam que a vida terá dificuldades, que sua superação não será fácil, nem simples, já que os protagonistas sempre enfrentam o mal, são desafiados. Mesmo tendo auxílio algumas vezes, apenas eles são capazes de superar, pois “A única forma de nos tornarmos nós mesmos é através de nossas próprias realizações” (BETTELHEIM, 2002, p.198).

Aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente, e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente

os que preocupam o pensamento da criança, estas estórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. (BETTELHEIM, 2002, p.12)

Podemos chegar à conclusão de que os contos de fadas auxiliam na elaboração dos sentimentos mais contraditórios e profundos.

No livro *A sombra e o mal nos contos de fada* (1985), Marie Louise Von Franz aborda a psicologia junguiana, que apresenta a questão da sombra como a personificação de alguns aspectos inconscientes da personalidade dos indivíduos, sendo a parte obscura, não vivida e reprimida da estrutura do ego. Isso teria origem individual e no coletivo. A sombra nasce a partir de qualidades reprimidas, não aceitas ou não admitidas pelo indivíduo e socialmente, sendo incompatíveis com as escolhas feitas.

A diferença entre o bem e o mal presentes nos contos de fada tem origem judaico-cristã, no conflito ético do homem. Em nossa civilização há uma tendência a julgar de acordo com essa definição ética, não dando espaço para meio termo. Por isso os vilões iniciais são totalmente maus e os heróis, príncipes e princesas totalmente bons. De acordo com a autora “é esse o refinamento da resposta ética produzido por nosso sistema religioso”. (FRANZ, 1985, p.41)

Segundo Franz, as bruxas teriam nascido a partir do símbolo da Grande Mãe. O lado sombrio foi projetado na mulher, que foi fortalecido com as perseguições às bruxas, dividindo a imagem da Grande Mãe em mãe positiva e em bruxa destrutiva. Assim, nos contos de fadas nascem diversas bruxas.

As bruxas teriam sido inspiradas na Deusa-Mãe egípcia, Ísis, conhecida por sua bondade e por ser uma grande bruxa. Quando irritada, a Deusa mostra seu lado mau. Quando está em sua forma bondosa, é a mãe redentora, que tudo permite e dá à luz os Deuses.

Poderíamos perceber que um único ser possui um lado luminoso e outro sombrio, originando o protagonista e o antagonista. O conto de fadas apontaria que todos os problemas e tensões possuem solução. É a representação da superação dos medos, da esperança.

Embora o conto de fadas ofereça imagens simbólicas fantásticas para a solução de problemas, a problemática apresentada é comum: uma criança sofrendo ciúmes e discriminação de seus irmãos, como Borracheira; uma criança que é considerada incompetente por um de seus pais, como

acontece em vários contos de fadas - por exemplo, na estória dos Irmãos Grimm, 'O gênio da garrafa'. Além disso, o herói do conto de fadas vence estes problemas exatamente aqui na terra, e não por alguma recompensa colhida no céu. (BETTELHEIM, 2002, p.41)

De acordo com o autor, o conto de fadas fala de pessoas muito parecidas conosco e tem títulos que qualquer pessoa pode se identificar. As crianças associam o mundo real e o da imaginação. Elas tratam bem as pessoas, cuidam de coisas que lhe são agradáveis, como ensinadas por seus pais e mostradas nos contos. Elas estão convencidas de que tudo o que amam certamente irá querer ser tratado como elas gostam de ser tratadas, pois há identificação. Porém, seus pais também ensinam que tudo o que lhes ferem ou contrariam é mau, assim como nos contos. Por exemplo, se uma porta acidentalmente machucá-las, o objeto será classificado como feio e mau. Irão “castigar” a porta brigando, chutando ou batendo, pois, estão convencidas de que foi intencional. Tudo o que lhes fere é mau. (BETTELHEIM, 2002).

As crianças passam a admirar e seguir quem desperta sua simpatia. Os personagens devem ser construídos de forma simples e direta, facilitando a identificação delas com os bons e rejeitando os maus. Elas se identificam com os heróis e princesas, não apenas pela bondade deles, mas sim, pelo apelo positivo que lhe trazem. “A questão para a criança não é "Será que quero ser bom?" mas "Com quem quero parecer?". A criança decide isto na base de se projetar calorosamente num personagem. Se esta figura é uma pessoa muito boa, então a criança decide que quer ser boa também” (Ibidem, p.10).

Como também pontua Bettelheim (2002), as crianças que conhecem os contos de fada sabem que as histórias são apenas simbólicas e não representam a realidade cotidiana. Desde o início até o final da narrativa são mostrados fatos e lugares que não são reais, sendo descrito como “Em um reino distante”, “Há muito tempo atrás” e “Era uma vez”. A importância está no significado simbólico que lhe impõem ou encontram.

Bettelheim destaca também que os contos de fadas dizem às crianças que, mesmo que existam bruxas, existem fadas boas, muito mais poderosas. Eles sugerem a forma de lidar com os sentimentos contraditórios que, se fossem abordados de maneira diferente, atrapalhariam o modo de integrar emoções contraditórias, que está apenas começando.

A personagem da madrasta malvada, segundo Bettelheim, não permite que as pessoas, principalmente as crianças, se sintam culpadas por ter pensamentos e desejos maus e de raiva em relação à personagem. Se essa culpa permanecesse, interferiria na boa relação com a mãe boa.

Um espírito benevolente pode neutralizar num instante todas as más ações de outro malvado. As boas qualidades da mãe são tão exageradas no personagem salvador de conto de fadas quanto as maldades na bruxa. Mas é assim que a criancinha experimenta o mundo: ou como inteiramente prazeroso ou como um inferno sem alívio. (BETTEHLEIM, 2002, p.73)

Nos contos de fadas, a vitória é sobre si mesmo e sobre o mau, inclusive o presente em todos nós, projetado como o antagonista do herói. Podemos ver nas antigas abordagens que os protagonistas apenas recebem as vilanias feitas contra eles, sem tentar descobrir o motivo. Apenas aceitam o que acontece e tenta combater.

Em qualquer caso, logo que a estória começa, o herói é projetado em perigos graves. E é assim que a criança vê a vida, mesmo quando na verdade sua vida prossegue sob circunstâncias favoráveis, no que se refere a eventos externos. Para a criança a vida lhe parece uma seqüência de períodos de vida calma que são interrompidos súbita e incompreensivelmente quando ela é lançada em perigosas ameaças. (BETTELHEIM, 2002, p.158)

Quando os pais fazem alguma exigência às crianças que elas acham uma grande maldade ou ameaça, acreditam que não há uma razão para tal. Assim são os vilões dos contos. Simplesmente maus, sem motivo aparente, nada justificando suas atrocidades (BETTELHEIM, 2002).

O conto de fadas nos lembra das consequências de se deixar levar por sentimentos ruins, como a raiva e a vingança. Uma criança, por não ter um senso de equilíbrio amadurecido, fica logo triste com alguém querido caso contrarie sua vontade ou não tem paciência para esperar. Os sentimentos de raiva e fúria costumam dominá-las, acabando com que pensem pouco nas consequências caso se tornem um fato (BETTELHEIM, 2002). Vários contos retratam resultados ruins de desejos imprudentes, como em “João e o pé de feijão”, em que João rouba o tesouro do gigante.

Além disso, o autor mostra que os contos pregam que, mesmo passando por uma série de adversidades e haver motivos para vingança, os protagonistas desejam apenas coisas boas para si e superar as vilanias. Branca de Neve não tem raiva de sua madrasta. Cinderela convida as meias irmãs e a madrasta para o baile de seu casamento. Isso ensina às crianças a seguirem o que é considerado ético. “A criança sente que tudo vai bem com o

mundo, e que pode ficar segura nele, apenas se os maus são castigados no final.” (Ibidem, p.161)

Porém, os contos tradicionais não abordam o motivo da Rainha Má não ficar feliz com a felicidade da enteada e aceitar o envelhecimento natural, por exemplo. As antagonistas são más sem explicação, sendo apenas a materialização do mal.

A morte poderia ser considerada um símbolo do desejo de alguém sumir, um modo da pessoa desaparecer do caminho. Assim, na maioria das histórias a morte é anulada com um beijo, ou o ser se transforma em pedra e depois o feitiço é quebrado (BETTELHEIM, 2002). Mesmo que o mal atinja heróis e princesas, eles são sempre reversíveis.

Na versão dos Irmãos Grimm e na versão animada produzida pela Disney em 1959, “A Bela Adormecida”, a vilã Malévola, uma fada má, amaldiçoa a princesa recém-nascida por não ter sido convidada para o batismo. O final feliz é quebrar a maldição, ou seja, o princípio do Mal, e na animação, o príncipe mata Malévola. A felicidade só é completa quando o mal é totalmente derrotado.

Em “A Gata Borralheira” a vilania está presente na madrasta e nas suas filhas, meias irmãs de Cinderela.

Aqui, segundo Bettelheim, as crianças vêem que a maldade que existe dentro de si, os sentimentos ruins conflituosos em sua mente, se tornam insignificantes diante da maldade feita à Cinderela pelas antagonistas. Como suas atitudes são consideradas de profunda crueldade, qualquer sentimento ruim em relação a elas é aceitável.

O que as irmãs fazem com Borralheira justifica qualquer sentimento fraterno desagradável: elas são tão vis que qualquer coisa que se possa desejar que aconteça a elas é mais que justificável. Em comparação ao comportamento delas, Borralheira é de fato inocente. Por isso, quando ouve a estória, a criança considera que não é necessário sentir-se culpada pelos seus pensamentos de raiva. (BETTELHEIM, 2002, p.256)

Bettelheim afirma que, mesmo em níveis distintos, as considerações do real convivem com o mundo da fantasia nos pensamentos infantis. Mesmo que pareça para ela que sua família a trata mal, não é nada comparado pela maneira que Borralheira é tratada. O conto mostra o quanto a criança é feliz com o que tem e como poderia ter uma vida bem pior. Além disso, mesmo que ela esteja passando por um momento bem ruim, há sempre a esperança de um final feliz.

Especialistas afirmam que retirar o mal, as lições e o medo dos contos são desaconselháveis. A mudança na história ameniza as emoções e o enfretamento de conflitos que a criança precisa sentir para amadurecer.¹

Lutando corajosamente com estas complexidades emocionais familiares, podemos conseguir uma vida muito melhor do que a dos que nunca se conturbaram com problemas graves (...). Isto dá coragem à criança para que não desanime com as dificuldades que encontra na luta para chegar a ser ela mesma. (BETTELHEIM, 2002, p.213)

O conto de fadas é como um espelho mágico que reflete características do nosso interior e guia os indivíduos para sua evolução da imaturidade para a maturidade. De início, se identificam com o protagonista bom e belo, mas são levados a refletir sobre as atitudes dos antagonistas. Ao estar imerso em uma série de sentimentos, todo conto de fadas traz em seu âmago uma mensagem semelhante: o que recompensa nossas lutas é a paz que é levada dentro de si e em relação ao mundo. (BETTELHEIM, 2002).

A criança crescerá acreditando que pode levar paz e felicidade a todos, inclusive aos que foram tocados por algo ruim. “Aí temos uma das múltiplas verdades reveladas pelos contos de fadas, que podem orientar nossas vidas; uma verdade tão válida hoje em dia como nos tempos do "era uma vez" (BETTELHEIM, 2010, p. 324).

Segundo Carolina Fossatti², no artigo *Cinema de animação e as princesas: Uma análise das categorias de gênero*, as vilãs eram mulheres consideradas ardilosas, no desenvolvimento das produções, sinalizando seus objetivos, mostrando ao público que não era um exemplo a ser seguido por nenhuma mulher. Mesmo que belas e altivas, como a Rainha Má, eram destinadas a um final infeliz, determinado pela morte ou desgraça.

Considerando o contexto das histórias, observa-se que a submissão ou não a uma ordem apregoada determinava o futuro do personagem. O final destas vilãs dominadoras, manipuladoras e poderosas, que não atendiam ao modelo de mulher almejada naquele início de século, era funesto ou lastimoso. (FOSSATI, 2009, p.7)

¹ Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/maravilhoso-mundo-contos-fadas-423384.shtml?page=2> Acesso em: 23 de março de 2015.

² Artigo disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0120-1.pdf> Acesso em: 13 de abril de 2015

Já as princesas tinham traços em suas personalidades como passividade e submissão, sempre destinadas ao encontro com o príncipe encantado e só assim seriam “felizes para sempre”. A beleza, pureza e delicadeza, quase que angelicais, sempre foram traços marcantes em suas descrições.

“O conteúdo implícito a estas produções reforçava aquilo que era adequado e esperado à postura feminina, como a dependência e o respeito ao masculino, bem como o dever de aguardar passivamente regramentos que refletiriam na estabilidade de suas vidas” (FOSSATI, 2009, p.7).

Segundo a autora, podemos observar que os contos de fadas queriam que essas características ficassem inerentes na construção da personalidade de meninas. Ao longo do tempo, o feminino foi composto por heranças, modo de ser, ética e estéticas estabelecidas socialmente.

Hoje podemos observar que os roteiros de animação, filmes e novas adaptações das obras refletem um momento de liberdade, da emancipação da mulher, confrontando a submissão que sempre lhe foi imposta e destinos prontos, com finais felizes ao lado de um príncipe. Isso origina novos questionamentos e revisões dos paradigmas do feminino na contemporaneidade (FOSSATI, 2009).

É possível perceber que até as princesas estão sofrendo alterações em sua construção, se tornando menos submissas, mais independentes e o príncipe encantado já não é a única alternativa para serem felizes.

3. AS NOVAS VILÃS E A MUDANÇA NA CONSTRUÇÃO DO PERFIL DAS ANTAGONISTAS

Atualmente, tem-se notado a ascensão das vilãs dos tradicionais desenhos da Disney como símbolo de poder, beleza e superioridade. O espaço de referência que antes era dominado pelas princesas, que sempre foram exemplos para a maneira de agir, se vestir e maquiar, hoje divide espaço com algumas vilãs.

Uma delas é Malévola, vilã do clássico *A Bela Adormecida*, de Walt Disney em 1959. No primeiro semestre de 2014, estreou o filme com nome da antagonista *Malévola* (do original *Maleficent*), dirigido por Robert Stromberg, produzido pela Walt Disney Pictures, a partir de um roteiro escrito por Linda Woolverton, retratando a história a partir da perspectiva da vilã. O papel é interpretado por Angelina Jolie, considerada uma das mulheres mais bonitas do mundo, o que contradiz a tradição das vilãs sempre serem feias.

Ao contrário da animação produzida pela Disney, que mostrava Malévola querendo apenas poder e vingança por não ter sido convidada para o batizado da princesa Aurora, o filme mostraria a outra verdade por trás dos fatos.

No início do filme, ela é uma fada boa, sua roupa é simples, com cores de terra, remetendo a ser parte integrante da floresta. Possui grandes asas, o que remete à imagem de um anjo e possui chifres, porém, não são assustadores.

A protagonista é uma fada que toma conta da floresta encantada, vive de forma pacífica com todos os seres encantados e os protege dos ataques do rei, que quer explorar as riquezas do lugar. Durante a infância, brincava com um menino chamado Stefan, que logo veio a se tornar o seu primeiro amor. Porém, com o passar do tempo, Stefan passa a ter outros interesses e se afasta de Malévola e da floresta, a fim de se aproximar do rei e conquistar suas riquezas e poder.

Perto de sua morte, o rei faz uma proposta a todos os seus cavaleiros: quem matar Malévola, herdará o reino após sua morte. Stefan volta para a floresta e seduz a fada. Quando ganha sua confiança, coloca uma substância em seu vinho para que ela durma profundamente. Quando dopada, Stefan arranca suas asas e leva ao Rei como prova da morte da fada.

O rei morre e Stefan herda o reino. Traída por seu primeiro e único amor, Stefan, agora pai da princesa Aurora, Malévola se recupera e planeja sua vingança. Ela retorna ao reino, mas agora usa uma longa capa preta e um cajado, seus cabelos presos dão destaque

aos chifres que remetem à figura do demônio e parece muito mais poderosa. Assim, lança sua maldição verde, como se fosse uma doença, sobre a princesa a fim de se vingar. “Antes do pôr do sol, no seu décimo sexto aniversário, a princesa picará o dedo no fuso de uma roca e morrerá”, diz a nova “vilã”. Para tentar reverter o feitiço, uma das fadinhas convidada, dá de presente à princesa uma maneira do feitiço ser quebrado: ela irá despertar do sono profundo apenas com o beijo de um amor verdadeiro.

Porém, ao acompanhar o crescimento da menina para ver se a sua maldição dará certo, a vilã se apega a princesa e passa a cuidar e protegê-la. Aos poucos se aproxima de Aurora, ganha sua confiança, passando a ser chamada de “Fada Madrinha” pela menina. Com a aproximação do décimo sexto aniversário da princesa, Malévola faz de tudo para reverter a maldição, porém, não consegue.

A vilã ajuda o príncipe encantado a chegar até a Aurora, já adormecida para lhe dar um beijo, porém, a menina não acorda. É quando Malévola dá um beijo em sua testa, de despedida, que a menina acorda, provando que o seu sentimento é verdadeiro e que não há mal que não possua um lado bom.

Porém, o seu antigo amor quer vingança e manda seus guardas a capturarem e prepararem uma armadilha. Ao sair do castelo, Malévola é aprisionada em uma rede de ferro. Os guardas começam a atirar lanças de ferro para matá-la. Stefan a humilha por estar sem suas asas e diz que irá matá-la. Porém, Aurora descobre onde as asas de Malévola estão escondidas e as solta. Malévola, agora com suas asas, derrota Stefan, que acaba caindo no fosso do castelo. Aurora é proclamada rainha do reino dos humanos e das fadas por Malévola, unindo os reinos. Enquanto isso, o príncipe Philip apenas observa.

Diferente dos finais felizes da maioria dos contos de fadas, o final feliz não foi feito pelo amor do príncipe e da princesa. Duas mulheres conquistaram o final feliz e mostraram o seu poder e que há diferentes formas de amor.

O desempenho de Angelina Jolie foi elogiado por toda a crítica. A intenção do filme é que todos “perdoem” a maldade feita pela vilã e passem a torcer por ela. Linda Woolverton, roteirista de *Malévola*, e Angelina Jolie, em entrevista³ à rádio britânica BBC, no programa *Woman’s Hour*, contam que durante o processo criativo, ambas pensaram em como uma mulher poderia tornar-se tão sombria e perder o sentido de maternidade, feminilidade e delicadeza.

³ Áudio da entrevista original disponível em: <http://www.bbc.co.uk/programmes/b0460hz8> Acessado em: 10 de maio de 2015

Nós estávamos bem conscientes, a escritora e eu, que era uma metáfora de violência sexual. Isso seria a única coisa que faria ela se perder. (...) O que nos perguntamos foi “O que poderia fazer uma mulher se tornar tão escura e perder todo o senso de sua maternidade, feminilidade e suavidade?” Teria que ser algo muito violento e agressivo. (...) A essência do filme é sobre o abuso e como o abusado tem sua escolha: abusar de outras pessoas ou superar e ser uma pessoa amável, aberta para as pessoas. (...) Nós criamos um passado para ela, mostramos o que a levou ao momento em que amaldiçoa Aurora e a partir do ponto de vista de Malévola. (ANGELINA JOLIE, 2014, BBC)

A nova adaptação da história de Malévola retrata a “essência sobre abuso”. As asas arrancadas por seu amado Stefan, após ser dopada pelo mesmo, seria uma referência à violência sexual. A consequência desse ato é o dilema da protagonista entre descontar sua raiva, tornando a sua floresta encantada em um lugar sombrio e amaldiçoando um bebê, ou superar sua experiência e ser alguém amoroso.

Um dos maiores sucessos de bilheteria do ano, arrecadando cerca de 750 milhões de dólares no mundo, o filme já teria continuação⁴ garantida pela Disney. Linda Woolverton continuará sendo roteirista no segundo filme, se ele se concretizar.

Os vilões conquistaram muitos fãs por ter características mais próximas do real, diferente do padrão perfeccionista estipulado pela maioria das protagonistas, sendo considerados mais carismáticos, envolventes e “reais”. A própria Disney valoriza seus antagonistas através de várias ações.

Ainda em 2015, a Disney lançará o filme *Descendants*, filme baseado no livro de Melissa de La Cruz, *The Isle of the Lost*, lançado também em 2015, pela editora Disney Hyperion. Os protagonistas são quatro adolescentes filhos de vilões famosos: Jafar, Malévola, Cruella e Rainha Má. Jay (Booboo Stewart), filho de Jafar, é um *bad boy* que costuma fazer alguns furtos; Evie (Sofia Carson), filha da Rainha Má, só se preocupa em ser bonita; Carlos (Cameron Boyce), filho da Cruella de Vill, morre de medo de cachorros; Mal (Dove Cameron), filha da Malévola, é uma mini patricinha má. Há vinte anos, todos os grandes vilões foram banidos do reino, vivendo isolados em *Isle of the Lost*. A ilha é cercada por um campo de força mágica, mantendo os vilões e seus descendentes presos com segurança máxima, longe do continente. A história começa quando o filho da Bela e

⁴ Disponível em: <http://revistamonet.globo.com/Filmes/noticia/2015/06/disney-planeja-continuacao-de-malevola.html> Acessado em 16 de junho de 2015.

da Fera se torna rei de Auradon e permite que os filhos dos vilões frequentem a mesma escola que todos do reino.

Após o sucesso de *Malévola* (2014), há rumores que a Disney irá lançar um filme solo da Cruella de Vil. Glenn Close, atriz que interpretou a vilã nos filmes 101 Dálmatas e 102 Dálmatas, se ofereceu para fazer parte da produção executiva do filme.

Outra antagonista que vem ganhando destaque é a Rainha Má, na série de televisão *Once upon a time*, criada por Edward Kitsis e Adam Horowitz, produzida pelo canal ABC. A série americana é sobre os contos de fadas e se passa em uma cidade fictícia, Storybrooke, cujo moradores são personagens de diversos contos de fadas que foram levados para o “mundo real” e tiveram suas memórias reais roubadas por uma poderosa maldição lançada pela Rainha Má. Os episódios costumam abordar o ponto de vista dos personagens atualmente e antes da maldição.

Regina Mills, como a Rainha Má é conhecida no mundo real, em Storybrooke, é interpretada pela atriz Lana Parrilla e conquistou o público logo na primeira temporada. Ela vive as contradições que todos vivem: saber o que é certo, mas muitas vezes as emoções deturpam a realidade e são tomadas atitudes consideradas politicamente incorretas.

Demonstrar amor verdadeiro por seu verdadeiro filho, Henry Daniel Mills (Jared S. Gilmore), tentar controlar seus impulsos, ajudar aqueles que antes eram considerados seus inimigos, fez com que ela se tornasse ainda mais próxima dos espectadores.

No desenrolar da série de televisão, vamos descobrindo aos poucos a verdadeira história da Rainha Má. Filha de Cora (Barbara Hershey) – mulher egoísta que quer poder, ao falhar em seduzir um rei para ser rainha, jurou que sua filha seria um dia – e Henry, homem gentil e doce que se submete tanto a esposa quanto à filha. Regina sempre foi uma pessoa doce, que gostava muito de cavalos e apaixonada por Daniel, o tratador de cavalos. Depois que a mãe da Branca de Neve morreu, Cora viu a oportunidade perfeita para transformar sua filha em Rainha. Com seu bom coração, Regina salvou Branca de um cavalo em disparado - que foi armado por Cora - e conheceu o rei.

O rei, por ver que a jovem gostava de crianças e que era bela e gentil, pediu a mão de Regina. A moça, que tinha passado a conviver com Branca de Neve e encontrado na menina uma amizade verdadeira, contou para ela sobre o seu amor por Daniel e pediu segredo. Porém, ao achar que ajudaria o casal apaixonado a fugir, Branca conta para Cora, que fica furiosa e mata Daniel.

Nesse dia, Regina jurou vingança contra Branca. Casou-se com o rei, banuiu a mãe de Wonderland, e após um tempo de casada, apareceu um gênio. A agora vilã o enganou para matar o rei e o transformou no Espelho Mágico. Começou a aprender magia com Rumpelstiltskin (Robert Carlyle) – feiticeiro do mal - e a perseguir Branca de Neve (Mary Margaret Blanchard). Enquanto cometia uma série de maldades, ela descobriu através de Sininho (Rose McIver) que teria uma segunda chance de um amor verdadeiro e que seria um homem com uma tatuagem de leão. No entanto, quando ela o encontrou, teve medo e fugiu.

Tempos depois, Cora reapareceu dizendo que queria ajudar a filha a ficar junto com seu amor verdadeiro, porém a enganou e tentou fazê-la casar com o inimigo de Robin Hood (Sean Maguire), que era seu verdadeiro amor. Cora alegava que queria que Regina tivesse um filho, então a vilã toma uma poção para ficar estéril.

Após muitas maldades, a Rainha Má é derrotada por Branca de Neve e seu Príncipe Encantado (Josh Dallas). Com raiva, procura uma grande maldição que estava com Malévola (Kristin Bauer van Straten), porém, para executá-la, teria que sacrificar o que mais amava. Regina mata seu pai, Henry, e lança o feitiço para que todos os personagens da Floresta Encantada vão para Storybrooke, nos EUA, sem lembrar quem realmente são e sendo “seres humanos normais”, a fim de separar Branca, o Príncipe Encantado e a filha do casal.

O que ela não esperava era que eles tinham enviado a filha deles por um armário mágico para os EUA, porém, fora de Storybrooke, para a Rainha Má não a matar. O nome da menina é Emma Swan, e anos mais tarde ela teve um filho e o deu para adoção. Regina, agora prefeita da cidade de Storybrooke, queria adotar uma criança e acabou adotando o neto da Branca de Neve, e deu a ele o nome de Henry.

O menino sempre quis saber quem era sua mãe verdadeira. Após investigar escondido, achou sua verdadeira mãe (Jennifer Morrison) e a levou para a cidade. Após algum tempo, Swan quebra a maldição da cidade, que já durava 28 anos, porém o tempo na cidade era congelado.

O amor por Henry e uma série de aventuras fizeram com que aos poucos Regina fosse para o lado do bem. Porém, não importava o bem que ela fazia, sempre saía prejudicada no final.

Robin Hood apareceu em Storybrooke e eles se relacionam amorosamente. Regina acha que, finalmente, viverá feliz com o seu amado e o filho dele, Rolan. Porém, Emma

trouxe do passado Mirian (Rebecca Mader), mulher de Robin. Mirian foi congelada pela Rainha do Gelo e apenas seria descongelada ao sair de Storybrooke, pois o feitiço seria quebrado. Robin acredita que possui o dever de honrar e ficar com a esposa. Regina se vê novamente privada de seu amor, dessa vez pela filha da mulher que acabou com seu segredo no passado.

Porém, antes de ir embora, Robin encontra uma página do livro *Era uma Vez* - livro que conta a história de todos os personagens - mostrando os dois se beijando. Isso dá esperança a Regina, acreditando que, se ela encontrar o autor do livro poderá mudar o curso de sua história, teria finalmente o seu final feliz.

Após uma descoberta através de Rumpelstiltskin, Regina descobre que Mirian na verdade é Zelena, a bruxa má do norte e irmã dela, que estava se passando pela mulher de Robin somente para acabar com o final feliz da irmã. Regina encontra o autor e pensou em escrever um final horrível para Zelena, mas não o fez. Trancou a irmã e beijou Robin.

Vale ressaltar que Cora, a “mãe má” de Regina também sofreu no passado. Filha do moleiro, sempre foi audaciosa e sonhava em ser da realeza. Foi enganada por um homem que se dizia príncipe e acreditando que se casaria com ele, entregou-lhe a virgindade. No dia seguinte, descobriu a verdade, mas acabou se aproximando do real príncipe e ficou noiva dele. Porém, o homem que a enganara estava no palácio. Ele a ameaçou, pois sabia que estava grávida, e pediu, em troca do seu silêncio, joias do castelo. Outra moça ouviu tudo e contou ao príncipe. A princípio, o príncipe não acreditou, mas quando viu Cora com as joias, a expulsou do castelo. A moça que a delatou era a mãe de Branca de Neve. Cora jurou vingança.

Na quarta temporada de *Once upon a time*, as tradicionais vilãs, Malévola e Úrsula, aparecem e é contado um pouco da história de cada uma. Mas o foco é o mesmo: ambas têm suas razões para serem como são.

Úrsula (Merrin Smurfit) era uma sereia antes de se tornar a vilã com tentáculos. Filha de Poseidon, sua mãe morreu nas garras de piratas e desde então seu pai a manda cantar para atrair navios para que eles afundem. Porém, ela não achava certo. Um dia ela nega cantar e salva a vida do Capitão Gancho (Colin O’Donoghue) e seus marinheiros. Após discutir com o pai, foge e começa a cantar em uma taverna. Gancho promete levá-la para cantar nos melhores lugares por ter salvado sua vida e ela fica muito feliz. Antes de Úrsula chegar ao navio, Poseidon aparece, promete a Gancho uma forma de se vingar de Rumpelstiltskin, vilão que ele teve um desentendimento no passado, em troca

de fazer algo contra sua filha para que ela ficasse com ódio dos humanos. O pai dá para ele uma concha que capturaria a voz dela, a única lembrança da mãe que também adorava cantar.

O Capitão Gancho diz que aceita, porém conta a verdade para Úrsula. Entretanto, após uma grande confusão, Poseidon consegue tirar a voz da filha, mas o capitão consegue salvar a moça. Ela foge e quando é transportada para o mundo real, começa a trabalhar em um aquário em Nova York.

Depois de Rumpelstiltskin ser expulso de Storybrooke por Bela (Emilie de Ravin), de a Bela e a Fera, ele vai atrás das vilãs para que elas o ajudem a encontrar o autor e dar os finais felizes aos vilões, que tanto anseiam. Úrsula vai com eles e os ajuda durante um tempo. Seu final feliz era ter sua voz doce de novo. O que ela não esperava era ter a ajuda de Gancho que, auxiliado por Ariel, chama Poseidon e assim ela recebe sua voz de volta e vai viver com o pai no mar.

Já Malévola, não se sabe muito de sua infância, apenas que ela foi derrotada por Aurora e seu Príncipe e perdeu a sua força e a capacidade de se transformar em dragão. Regina a ajuda a recobrar a coragem e autoestima. Sem entrar em detalhes, a antagonista tem um bebê, que fica em um ovo de dragão. Ela estava esperando a criança ao mesmo tempo que Branca de Neve e Encantado recebem a profecia de que sua filha teria tendência ao mal e que o único jeito de evitar isso seria passar esse fado para outro ser que estivesse nascendo. Branca e Encantado roubam o ovo de Malévola e após o feitiço ser executado, ele começa a rachar e de lá surge uma mão de bebê e eles descobrem a maldade que fizeram. Eles pedem ao mago que mande o bebê para o mundo real, antes do lançamento da maldição da Rainha Má.

Malévola, após a maldição, fica presa embaixo da biblioteca de Storybrooke e é morta por Emma e Encantado. Rumpelstiltskin, na sua busca pelo autor, a ressuscita e ela vai atrás do seu final feliz: achar sua filha, Lilith (Agnes Bruckner).

Após ser transportada para o mundo real, a menina não consegue achar um lar adotivo fixo e fica morando de casa em casa, sem nunca pertencer à uma família. Tudo o que ela faz, acaba dando errado. Durante a adolescência acaba encontrando Emma, porém, acabam brigando. Quando descobre toda a verdade, jura vingança contra Branca de Neve e Encantado. Malévola a encontra, ambas conversam e tudo parece estar bem entre elas. Porém, não se sabe se na próxima temporada ela irá realmente se vingar.

Na quarta temporada da série, o principal vilão, Rumpelstiltskin, está perdendo a capacidade de amar e deixará de ser humano, tornando-se totalmente Senhor das Trevas. Então, ele decide procurar o autor da história que todos vivem, para que ele possa escrever um final feliz para os vilões. O autor decide ajudá-lo a escrever um novo livro chamado Heróis e Vilões. O livro acaba virando realidade para quase todos os personagens da trama, invertendo tudo. Os vilões se tornam heróis e vice-versa. Com esse novo livro o autor ganha vários prêmios. Porém, Regina que se torna mocinha no novo livro, não tem seu final feliz. Porém, Emma e seu filho, Henry lembram a antiga história. O menino consegue entrar no livro e ajuda a recuperar Storybrooke. O autor usa sangue de “salvadora” para escrever suas histórias. No novo livro, Regina, antes considerada vilã, salva Henry da morte e se torna a salvadora. Henry é escolhido pela caneta e passa a ser o novo autor. Utilizando o sangue de Regina, ele escreve o fim do livro e o retorno de Storybrooke.

Para salvar Rumpelstiltskin, todos os heróis e Regina decidem prender o lado sombrio dele no chapéu do feiticeiro. Mas a força maligna é tanta que o sombrio escapa, tenta entrar no corpo de Regina, mas Emma decide assumir a força maligna para evitar que Regina volte a ser má. A temporada acaba com as trevas ocupando o corpo da heroína da história. Poderíamos interpretar como uma metáfora. Ou seja, O bem e o mal existe dentro de todos nós.

Até as princesas não estão salvas de serem consideradas vilãs. No novo filme de animação musical americano produzido pela *Walt Disney Animation Studios*, *Frozen*, a rainha Elsa é considerada vilã por seu reino quase o filme inteiro. Inspirado no conto de fadas *A Rainha da Neve* (1844), do autor dinamarquês Hans Christian Andersen, narra a história de duas princesas do reino de Arendelle, na Noruega.

Elsa nasceu com poderes mágicos com os quais ela é capaz de fazer nevar, congelar, criar nevadas. Quando era criança, brincava com sua irmã mais nova, Anna, e acidentalmente a fere com seu poder. Os pais aterrorizados procuram a ajuda do rei Troll, um ser mágico da floresta, que cura Anna e apaga suas memórias da magia da irmã mais velha. O casal isola as filhas no castelo para Elsa aprender a controlar seus poderes longe da irmã. Com medo de ferir a caçula, ela passa a maior parte do tempo sozinha em seu quarto. Quando adolescentes, seus pais morrem em um naufrágio durante a tempestade.

Ao completar 21 anos, o reino se prepara para a coroação da rainha Elsa. Porém, durante a festa, ao descobrir que sua irmã quer se casar com o príncipe Hans das Ilha do Sul que acabou de conhecer, ela se recusa a conceder a sua bênção e proíbe o casamento

repentino. As irmãs discutem, deixando Elsa fora do controle durante uma explosão emocional.

Sem saber como reagir, a agora rainha foge do castelo e sem querer deixa seu reino em um inverno congelante. Anna vai atrás da irmã e Elsa fica assustada, fazendo com que perca novamente o controle sobre seus poderes, ferindo a irmã. A essa altura, todos estão a condenando por deixar o reino sob tais condições.

Hans vai atrás de Anna no palácio de gelo construído por Elsa na floresta. Os homens do duque que o acompanhou nocautearam Elsa e a prenderam em Arendelle. Lá, Hans pede que a rainha desfaça o inverno, mas ela confessa que não sabe como. Quando Anna se encontra com Hans e pede que ele a beije para quebrar a maldição que sem querer Elsa lhe atingiu, pois ela só será quebrada com o amor verdadeiro, ele se recusa e revela que quer apenas o controle do reino de Arendelle, a deixando para morrer. Ele acusa Elsa pela aparente morte de sua irmã mais nova e o reino mais uma vez a considera uma grande vilã.

Elsa escapa e cria, sem intenção, uma forte tempestade de neve. Hans confronta Elsa, dizendo que Anna está morta por culpa dela. Desesperada, Elsa faz a tempestade cessar. Quando Hans está prestes a matar Elsa, surge Anna, que se joga entre os dois e congela, bloqueando o ataque do príncipe. Enquanto a rainha chora por sua irmã, Anna começa a derreter. Sua decisão de se sacrificar para salvar a irmã é um ato de amor verdadeiro. Elsa percebe que o segredo para controlar seus poderes é o amor. Assim, ela descongela todo o reino e todos percebem que ela não é vilã.

A animação é bem diferente das tradicionais feitas pela Disney. Além de uma das protagonistas ser considerada vilã a maior parte do tempo, o verdadeiro amor vem da relação de irmãs, e não do “príncipe encantado”.

O conto original da Rainha da Neve é bem diferente. Gerda e Kai foram passar as férias de inverno com a avó, que conta a história da Rainha da Neve para as crianças. Kai pergunta se ela poderia vir até eles e a avó diz que sim. Então, o menino, duvidando da existência da Rainha, lança um “desafio” ao vento: se ela fosse real, que aparecesse. À noite, quando Kai vai dormir, vê pela janela que a neve está tomando forma aos poucos, até a Rainha se materializar. Ela sorri para ele e se desfaz.

Enquanto isso, há um demônio que vivia em uma nuvem. Ele criou um espelho que tinha como função piorar tudo de ruim nas pessoas. Por exemplo, se uma pessoa fosse um pouco egoísta, no espelho, seria muito mais. Feliz com sua criação, resolve fazer ainda

mais uma maldade: quebra-lo em pedaços parecidos com a neve e jogá-los na Terra, provocando discórdia.

No dia seguinte que Kai vê a Rainha da Neve, dois pedaços do espelho o atingem no olho e outro no coração. Em seguida, o coração de Kai fica gelado e ele passa a enxergar apenas o lado ruim das coisas e das pessoas, sendo rude com Gerda, com quem tinha plantado rosas. O menino quebra o vaso e arranca as flores, dizendo que são feias e esquisitas. A menina fica chateada e o deixa sozinho. Nesse momento, a Rainha da Neve o rapta.

Kai é levado por ela para o seu castelo, em um país distante. Após alguns dias e menos brava com o garoto, Gerda resolve procurá-lo. Ela encontra um jardim bonito e uma velhinha acolhedora, que penteia seus cabelos com um pente mágico, que a faz esquecer de todos os seus problemas. Entretanto, quando a garota olha o roseiral, lembra-se das rosas que plantou com Kai e volta a si. Ela foge para o bosque e encontra uma garota, que a ajuda contando onde está Kai e lhe dá um cervo para ajudá-la a chegar até o país da Rainha da Neve.

Quando Gerda chega ao reino, uma tempestade de neve tenta afogá-la, mas ela reza, fica forte e consegue se salvar. Finalmente, a menina chega ao castelo, mas Kai não a reconhece porque está gelado e sem vida. Ela chora e canta a música que cantava quando ainda estavam na casa da avó. O garoto começa a chorar e faz com que o pedaço do espelho que estava em seu olho saia. As lágrimas de Gerda caem no peito de Kai, fazendo com que o pedaço que estava em seu coração também saia.

A Rainha da Neve não estava no castelo, pois tinha ido para os países quentes. No entanto, fica subentendido que cai só é curado porque ela o sequestrou e fez com que Gerda superasse todas as adversidades pelo amigo. Mais uma vez ela não é uma grande vilã. Ela o ajuda a se livrar dos fragmentos de espelho e faz com que redescubra o amor pelos amigos e família.

Outra obra que merece destaque é o musical *Wicked: the untold story of the Witches of Oz* (2003), baseado no romance de Gregory Maguire, *Wicked: the life and times of the Wicked witch of the West* (1995) e produzido por Joe Mantello. Tem letra e música de Stephen Schwartz, a encenação musical por Wayne Cilento, e um livro de Winnie Holzman. O musical é uma adaptação de *O Mágico de Oz*, contado através da perspectiva das bruxas da Terra de Oz, começando antes e continua depois de Dorothy chegar em Oz.

Wicked conta a história de duas improváveis melhores amigas, Elphaba, a Bruxa Malvada do Oeste, e Glinda, a Bruxa boa do Norte. Elphaba sofre preconceito desde que nasceu por ter nascido verde. De acordo com a bruxa, seu pai a odeia por uma “boa razão”. Quando sua mãe ficou grávida novamente, ela comeu leite-flores, para evitar que o segundo filho nascesse verde. Porém, as flores fizeram com que sua irmã, Nessarose, nascesse prematura, deixando-a incapacitada de andar, e sua mãe morreu no parto. Ao longo de sua vida, ela vai se adaptando ao constante desprezo das pessoas ao seu redor.

Nessarose é, além da filha favorita do pai, paraplégica. Ao passar para a Universidade de Shiz – universidade de bruxarias – seu pai também manda Elphaba para cuidar de sua irmã mais nova e linda. Ao chegar lá, a jovem sofre insultos por sua aparência verde. Ela é obrigada a dividir o quarto com Galinda, uma jovem linda, loira e rica, apelidada de Glinda por um professor. Devido as diferenças, elas não se dão muito bem inicialmente. Porém, ao decorrer da narrativa, as bruxas se tornam melhores amigas. Quando chega à universidade Fiyero, um príncipe, todas as estudantes ficam encantadas por ele. Glinda se apaixona perdidamente por ele, que primeiramente tem interesse na melhor amiga da bruxa.

Elphaba começa a ter grande destaque por seus poderes na universidade, sendo convidada para trabalhar com seu ídolo, o Mágico de Oz. Ela leva Glinda para a nova aventura. Chegando ao palácio, a moça percebe que o mágico, na verdade, é o vilão e está tirando o poder da fala dos animais. Ao tentar fugir, Morrible – assistente de imprensa do mágico e professora da Shiz – avisa toda Oz sobre a “Bruxa Má” e sua terrível maldade com os macacos inocentes. Glinda decide voltar para Oz e se torna uma figura pública. Elphaba foge com o Livro das Sombras, convencendo toda a cidade de sua maldade.

Meses depois, Glinda fica noiva de Fiyero, mesmo sabendo de seus sentimentos por sua amiga. Quando Elphaba chega em sua casa, descobre que sua irmã é governadora e que seu pai morreu ao saber que ela tinha desafiado o Mágico. Além disso, critica sua irmã por não utilizar sua magia para fazê-la andar. Se sentindo culpada, a “Bruxa Má” encanta os sapatos de Nessarose, permitindo que ela volte a andar.

Elphaba tenta voltar ao palácio do Mágico de Oz para libertar os animais torturados. O Mágico tenta convencê-la a ser sua assistente, dizendo que irá libertar os animais e que ela poderia ser saudada por toda Oz. Porém, ao ver o seu professor animal preso, ela rejeita a oferta. Ela escapa e encontra Fiyero, que foge com ela e declara seu amor. Glinda vê e se sente traída e espalha um boato que a “Bruxa Má” pode ser atraída ao

ver sua irmã em perigo. Madame Morrible cria um ciclone, trazendo a casa de Dorothy para Oz, esmagando Nessarose. Ao sentir o perigo que sua irmã está correndo, Elphaba volta para Oz. Antes, porém, Fiyero conta que tem um castelo vazio da família afastado e que era para ela se esconder lá e que iria se juntar a ela depois.

Chegando em Oz, a bruxa vê que sua irmã está morta. Os guardas a capturam, mas Fiyero intervém, permitindo que Elphaba escapasse antes de se render. No castelo, ela tenta lançar qualquer feitiço para salvar o amado, mas pensando que falhou, começa a acreditar que é mesmo má.

Dorothy, o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão Covarde são enviados para matar a Bruxa Má. Ela captura Dorothy, recusando-se a soltar a menina enquanto ela não devolver os sapatos mágicos de rubi de Nessarose - a única lembrança que poderia ter da irmã.

Glinda vai para o castelo e a convence de libertar Dorothy. Elas conversam e se perdoam. Elphaba pede para a amiga não revelar sua inocência e pede que cuide de Oz. Ao ir embora, Dorothy joga um balde de água sobre ela, que “derrete”. Glinda vê que tudo o que sobrou da amiga foi o chapéu preto e um frasco de elixir verde. Ela lembra que o mágico tem uma garrafa idêntica e descobre que ele era o verdadeiro pai de Elphaba.

Enquanto o Mágico é expulso de Oz, Fiyero, que tinha se transformado no Espantalho, abre o alçapão no castelo, por onde Elphaba tinha descido, fingindo apenas que morreu para o benefício de todos. Eles deixam Oz juntos.

Assim, podemos perceber que o foco da peça é a amizade entre pessoas tão diferentes, que todos têm um lado bom e ruim, dependendo apenas da visão abordada na história.

Outra obra que merece destaque é *O livro dos vilões*, publicado pela editora Galera Record. Sendo uma versão moderna dos maiores vilões dos contos de fadas, o livro é organizado da mesma forma que outra publicação da editora, *O livro das princesas*. Dois autores nacionais e dois internacionais escrevem, cada um, sobre um conto. Como a análise proposta é apenas das vilãs dos contos de fadas, vamos nos deter apenas a três contos, deixando o quarto, *A menina e o lobo*, apenas citado, já que trata de um vilão.

O primeiro conto, *#Stepsisters: sobre sapatos e selfies*, é sobre as meias-irmãs de Cinderela, da escritora americana Cecily Von Ziegesar. Na versão moderna, Nastia e Dizzy são gêmeas lindas, ricas e famosas na internet. Amam sapatos, vestidos, marcas famosas, *selfies* e atormentar a vida de sua meia-irmã. Cindy já está acostumada a ser maltratada

pela madrasta e suas filhas. Seu sonho é ir em uma das incríveis festas que suas meias-irmãs frequentam.

Um belo dia, o gerente de vendas de uma loja resolve agir como fada madrinha e consegue que a jovem vá linda para a balada do momento: o Baile de Solstício de verão do Elite Club. Com todas na festa, há muitas surpresas e confusões. O que vale destacar nesse conto é que ele mostra como as aparências enganam e como ser “vilã” depende apenas do ponto de vista. Além de mostrar que “sapos” podem parecer e se portar como príncipes.

O segundo conto, *Menina Veneno* da escritora nacional Carina Rissi é uma adaptação de *A Branca de Neve e os sete anões*. A história traz Malvina, uma modelo rica e famosa. Após seu marido falecer, ela se torna responsável pela sua enteada, Bianca. Além de ser descrita como chata e seguir Malvina para todos os lugares, a jovem rouba o lugar de sua madrasta na campanha do perfume Menina Veneno e o coração do astro de rock que Malvina achava ter conquistado.

Quando a madrasta percebe que seu mundo está começando a desmoronar por causa de sua enteada, ela chega à conclusão de que a jovem tem que desaparecer. Com a ajuda de seus fiéis empregados e amigos Abel e Sarina, que têm talentos com poções, Malvina o que for possível para conseguir. Porém, tudo o que faz volta contra ela, até porque Bianca não é tão inocente e doce como todos, exceto Malvina, parece ver. A personagem não é descrita apenas como a madrasta invejosa, mas também como uma mulher forte, que já superou bastante coisa. Além de mostrar como as aparências enganam, o conto mostra como todos podem fazer escolhas erradas, fazer papel de vilão, mas que também podem reconhecer e aprender com os erros.

Bianca podia se tornar a nova Menina Veneno, ganhar o coração do homem que eu queria, mas minha beleza... Não, ela não me colocaria sob sua sombra. Ninguém faria isso. Era tudo o que eu tinha. Sim, meu bem, você está certo. Foi naquele momento que decidi agir. Você é um bom observador. (RISSI, 2014, p.99)

Quanto mais afiado o espinho é o terceiro conto, elaborado pela autora Diana Peterfreund. Baseado em *A Bela Adormecida*, conta a história de Malena e seu descontentamento com a sua vida e seus esforços para mudá-la. Filha de uma bruxa isolada, não quer seguir o caminho da mãe. Seu sonho é ter uma vida normal, ter amigos, ir às festas e ter um amor.

Ela decide mudar o rumo de sua vida e passa a frequentar a escola e faz amizade com três meninas. Porém, quando o seu segredo é revelado, Malena começa a sofrer *bullying* e suas amigas a substituem pela novata encantadora, Rory. A sua paquera, Pierce, também não é quem diz ser e é falso com a jovem. Assim, ela se vinga de suas ex amigas, paquera e da garota nova, porém, se arrepende de seus erros. “Queria roubar sua noite especial, mas desejos são coisas afiadas e espinhosas, e não percebi quão fundo os meus poderiam ir.” (PETERFREUND, p.220).

As atuais releituras das vilãs têm despertado identificações em todos, pois mesmo que seja ensinado que para conviver socialmente é necessário reprimir os desejos mais obscuros, todos em algum momento da vida desejaram fazer algo não politicamente correto. As pessoas não são totalmente boas ou ruins. Todos têm luz e trevas dentro de si. O que nos define é o lado com o qual escolhemos agir. Como vivemos sempre em busca da perfeição, é comum nos identificarmos com as personagens que não são consideradas tão perfeitas.

4 – TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS QUE OCASIONARAM MUDANÇAS NA CONSTRUÇÃO DO PERFIL DAS ANTAGONISTAS DOS CONTOS DE FADAS

As vilãs, inicialmente, eram apenas a representação do mal, do injusto, do errado, que iam contra os princípios éticos e morais. Porém, percebe-se que na contemporaneidade elas passaram a ser admiradas e se tornaram personagens que o público se identifica e “compreende” a maldade.

Neste capítulo, iremos analisar as noções de bem e mal, ética - valores morais que orientam o indivíduo em sociedade, refletindo nos valores morais - e moral - conjunto de regras para o cotidiano a respeito do que é certo e errado, bom e mau - de acordo com diversos pensadores fundamentais nas mudanças sociais, para entender como a sociedade passou a aceitar as vilanias e admirar tais personagens. O estudo das ações do ser humano é importante para a convivência em sociedade. Assim surge a ética e a moral. O homem não deveria agir somente de acordo com as suas vontades. Ele deveria pensar que suas ações afetam a todos que estão a sua volta, além de estar submetido às críticas da comunidade à qual está inserido. No entanto, a definição de certo e errado, bom e mau, muitas vezes variam de acordo com a cultura.

Para o ser humano ser considerado ético ele tem que agir de acordo com os valores morais. O ser humano deveria ter o entendimento de que suas ações são intencionais e voluntárias, sendo responsável por suas escolhas e atos. A integridade estaria na coerência dos valores e do comportamento. Os que não cumprem essas “regras sociais” são classificados como errados, do mal, podendo ser considerado um vilão, já que não cumpre os modelos morais sociais. Analisaremos a seguir o que é considerado ético e moral ao longo dos anos, a noção do mal e o reflexo dos novos valores nas personagens vilãs que se tornaram queridas do público.

4.1. Ética e moral ligadas ao bem e ao mal

A partir de Platão surgiu o pensamento da educação voltada para a justiça que, unida à “Ideia do Bem”, manteria a ordem do Estado. Para ele, a justiça é superior ao homem, sendo um fundamento do universo, pois faria parte do cosmos. Platão diz que “o princípio regulador dos comportamentos é a Ideia, sobretudo a Ideia do Bem” (PEGORARO, 2010, p.23). O homem sincero e razoável seria aquele que procura a

verdade, a justiça e o bem. Para o filósofo, o bem viria da clareza da moral do homem. Sua filosofia pretendia fazer a alma e o corpo do homem serem bons como o universo é bom. O bem ligado à justiça serviria para que cada indivíduo cumprisse o seu papel na sociedade. O homem para ser feliz e virtuoso teria que agir de acordo com a noção de bem. Segundo Olinto Pegoraro, em seu livro *Ética dos Maiores Mestres: Através da História* (2006):

O princípio supremo do universo é o Bem absoluto que, por analogia, é o Sol; isto é, o Bem na ordem inteligível e transcendente, o sol no mundo visível e imanente. É na luz do Bem que as essências das coisas são cognoscíveis pela inteligência, exatamente como as coisas terrestres só podem ser vistas e conhecidas à luz do sol; sem luz há trevas e nem podemos ver as coisas em sua materialidade física (PEGORARO, 2010, p.25).

Sendo assim, na filosofia platônica, o bem seria o princípio do homem justo, sendo alcançado com a felicidade, não apenas satisfazendo os desejos individuais, mas buscando a sabedoria. A ausência da luz da sabedoria seria a ausência do bem. As trevas seria a falta da justiça, do que não é do bem, não buscar a sabedoria baseada na virtude moral. Para o pensador, o mau poderia se tornar bom, mas não o contrário, pois o homem bom deve ajudar o mau a seguir o caminho da justiça.

Já para Aristóteles, no livro *Ética a Nicômaco*, a ética é algo natural do ser humano em convívio social. Para ele, o homem é social por natureza. Além disso, o pensador afirma que “todas as escolhas e decisões humanas visam alcançar um fim, produzir o bem e chegar a uma meta” (PEGORARO, 2010, p.37). Sua visão é baseada na razão, que guiaria os impulsos biológicos para a convivência social. A ética, segundo Aristóteles, é baseada na razão. O homem nasce ético, o único animal inteligente que pode decidir seus atos para o bem ou mal.

A tarefa da ética está em harmonizar os impulsos biológicos, instintivos e sensitivos sob a orientação da razão, “nossa melhor parte” (ARISTÓTELES In PEGORARO, 2010, p. 37). Nossos impulsos biológicos espontâneos ganham qualidade ética quando subordinados ao comando da razão (PEGORARO, 2010, p.37).

O filósofo grego coloca a ética e a moral no homem e no natural, dando ênfase à natureza racional, ao contrário de Platão, que os colocava no transcendental. Todas as ações têm uma finalidade, alcançar um bem, sem esquecer o fator social e que o homem é um ser político. Sendo assim, suas ações devem ser orientadas para um bem sócio-político.

Aristóteles diz que há uma hierarquia de bens e fins. “É preciso que haja um bem final que sintetize todos e que será o fim último e supremo. Este bem é a felicidade” (PEGORARO, 2010, p.41).

A felicidade estaria ligada à função da alma, sendo a finalidade do homem como um todo, não apenas o ato de viver, mas sim a atividade racional, o exercício da mente. Apenas assim encontraria a felicidade. Como qualquer coisa que o ser humano possui seria uma dádiva dos deuses, ele supõe que a felicidade seria uma concessão divina. Considerada o bem maior, ela necessita de seis condições para ser plena. Primeiro seria a prática das virtudes, moldando o caráter e os costumes do indivíduo, educando seus instintos e elevando seus sentimentos, tornando-se senhor de suas próprias energias.

Outra condição importante seria a amizade, pois o indivíduo não conseguiria ser feliz sem amigos e família. Boa saúde também seria fundamental para desfrutar a felicidade, além de ter bens materiais suficientes para viver. “O sábio precisa também de bens materiais, mas só os indispensáveis para viver, pois o excesso de bens externos corrompe a mente” (PEGORARO, 2010, p.45). O homem sendo um ser social e político, também teria por condição viver em uma sociedade justa. Por fim a meditação filosófica, sendo o nível supremo da felicidade, a contemplação das verdades imutáveis. Porém, mesmo quem não a pratica conseguiria ser feliz. “O cidadão ético e justo é feliz mesmo que não seja filósofo, pois a felicidade é um bem humano, uma aspiração de todos e não de uns poucos pensadores” (Ibidem, p. 46).

Sendo a felicidade o bem maior para Aristóteles, o mau para o homem seria o homem solitário, sem boa saúde, sem bens ou com excessos, viver em uma sociedade que não considera justa, pois não encontraria a felicidade. Com exceção da boa saúde em algum caos, as demais dependeriam das boas escolhas feitas pelo o indivíduo, originando critérios morais e éticos específicos que mostram o que é bom e o que é mal. Segundo Mônica de Faria, em sua tese *Imagem e imaginários dos vilões contemporâneos*⁵, “é exatamente este poder de escolha racional e de prudência pertencente ao homem que o difere como espécie diante das outras, em outras palavras, para Aristóteles, o homem decide ser ético ou não”.

O pensador acredita que a justiça é ordenadora, no sentido da justiça política é “um meio de criar o bem-estar geral, e o convívio pacífico dos cidadãos” (PEGORARO, 2010,

⁵ Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2091/1/000439083-Texto%2bCompleto-0.pdf> Acessado em 10 de maio de 2015.

p. 54). O bom ou mau regime, o bom ou mau cidadão tem como característica a lógica racional, baseado na ética e moral. A ética aristotélica visa “formar o cidadão para a justiça e gerenciar o bem comum a todos os cidadãos, através de um governo intencionado nesta direção. (...) ao homem não basta viver; ele quer viver bem” (PEGORARO, 2010, p.57).

No período medieval podemos destacar Agostinho e Tomás de Aquino, que comentam sobre a ética e moral. Para Agostinho, a moralidade estaria em amar a verdade, ser bondoso, e enxergar Deus em tudo o que há de belo no mundo, sendo Ele a origem da felicidade. O ser humano só será feliz se buscar a Deus, fazendo com que suas virtudes sejam reflexos de Sua imagem. Ele prega a ética do amor sobre a do conflito, unindo o amor cristão com a tradição platônica, não se baseando na razão. A esperança da continuidade da vida após a morte levaria o indivíduo a querer construir uma vida digna, baseada no bem. (PEGORARO, 2010).

A fé no Supremo Ser e na vida eterna torna-se visível no amor aos semelhantes e a todas as criaturas. O amor ao próximo é a regra de ouro, a suprema e única norma de conduta na interpretação de Agostinho: “O Senhor nos deu dez mandamentos na Antiga Aliança; resumiu-os em dois e dos dois fez a única regra do Novo Testamento: o amor (PEGORARO, 2010, p. 81).

Já Tomás de Aquino baseia-se na ética aristotélica, que diz que o agir do homem virtuoso seria para o bem na convivência política justa, mas coloca o homem em um universo que teria saído de Deus e a Ele voltaria, ligado à fé e à esperança. Ele afirma Deus como criador do universo e que tudo governa. O homem retornaria a Deus, pois sua natureza humana busca a felicidade e só é possível junto Dele na eternidade.

O homem seria capaz de, sozinho, caminhar ou desviar do seu supremo fim. “As pessoas e as sociedades políticas que permanecerem neste esquema são éticas, virtuosas e justas; as que se desviam e perdem o rumo são capazes de todos os vícios morais e políticos. (PEGORARO, 2010, p. 84). Para retornar ao Criador, o indivíduo só conseguiria com o auxílio das virtudes humanas e da fé. O bom cristão e o bom cidadão se completariam, pois a sociedade seria para o cidadão, aquilo que a Igreja é para o Cristão. Para o pensador, a razão serve para ajudar a conhecer a existência de Deus. A lei divina e eterna exigiria respeitar a ordem e proibiria transgredi-la.

“No que diz respeito ao homem, o supremo princípio de moral é este: “fazer o bem e evitar o mal”; ele merge da própria natureza humana criada que deseja espontaneamente

viver, ser feliz e fugir de tudo que a prejudica” (Ibidem, 2010, p.87). Tomás fez algumas orientações, como as leis humanas, políticas e religiosas nunca poderiam ser opostas às leis naturais e deveria combater os comportamentos viciosos, como o homicídio e a sodomia, e combater os vícios antinaturais, como atentados contra a vida, roubo dos bens alheios e violência sexual.

Já no iluminismo, a ética e a moralidade são racionalizadas, não sendo mais associadas à divindade. “Kant é o grande teórico desta ruptura e do novo momento originário da ética: a boa vontade e a razão prática fundam o imperativo categórico, a norma da moralidade: é a máxima subjetivação da ética” (PEGORARO, 2010, p.10). Ele baseia as leis da moralidade no *Imperativo Categórico*⁶, afirmando que a maneira certa de agir do indivíduo não pode ser encontrada na natureza, nem no ambiente vivido. O pensamento moral parte de um conhecimento *a priori*, ou seja, o ser humano não precisaria viver algo, ou ser influenciado, para saber as consequências.

Além disso, antes de agir, o homem deveria pensar se tal atitude será universalmente aceita, dentro das leis morais do homem racional. Ou seja, agir bem ou mal depende da intenção do indivíduo, pois ele teria autonomia de sua vontade. A lei moral seria resultado da racionalidade livre. “Age de tal modo que a vontade, com sua máxima, possa ser considerada como legisladora universal a respeito de si mesma” (KANT, apud PEGORARO, 2010, p.107). Assim, o modo de agir e pensar do ser humano *a priori*, de acordo com as leis morais estabelecidas socialmente, origina o pensamento do que seria bom e mau.

Para entendermos mais sobre o pensamento moral contemporâneo, utilizaremos o pensador alemão Friedrich Nietzsche. Ele afirma que a ideia de bom e mau se transforma ao longo do tempo. Inicialmente, o bom estava ligado às classes nobres, à sabedoria, beleza e o mal ligado ao servo, o fraco. Já a moral escrava era baseada no ressentimento em relação à nobreza, não gostar deles, era considerado uma virtude. A transformação teria começado quando “o fraco” percebe que em grupo tem poder e modifica o pensamento do que é moralmente correto, fazendo com que surja a culpa do aristocrata em relação ao servo.

⁶ Imperativo Categórico é a principal filosofia de Kant. Segundo ele, os homens devem agir de acordo com a própria natureza humana, uma lei universal. “Age de tal modo que a máxima de tua vontade seja sempre válida, ao mesmo tempo, como princípio de uma legislação universal” (KANT, apud PEGORARO, 2010, p.107).

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda a moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesmo, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e *este* Não é seu ato criador. Essa inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação (NIETZSCHE, 2010, p.28-29).

Nietzsche então teria observado que a moral está ligada ao contexto social, baseado em um discurso dominante, seja de classes altas ou manifestação popular coletiva. Nietzsche seria considerado contemporâneo, pois em sua ética discursiva não une fazer o bem, ser virtuoso com a moral. Para ele, o diálogo é essencial para analisar a circunstância e perceber o que pode ser considerado ético ou não, de acordo com a perspectiva moral da situação. Ao contrário dos pensadores anteriores, que valorizavam a universalidade em detrimento do individualismo, o que é moralmente aceito passa a ser relativo, pois há várias interpretações do que hoje chamamos mal. Tudo depende do ponto de vista da situação, que deve ser analisada.

Pegoraro fala ainda da ética da justiça, na qual se estabelece um conjunto de leis que determinam valores rígidos, sendo ético apenas quem age de acordo com a lei. Suas ações e razões têm que ser baseadas nas leis pré-determinadas, fazendo com que a razão prevaleça sobre a vontade.

O utilitarismo quer ser uma ciência humana que dirige a produção das coisas úteis em benefício do maior número de indivíduos. Visa, portanto, a construção de uma ética puramente objetiva, científica; seu princípio básico é produzir o maior bem-estar possível para o maior número de pessoas; tudo o que beneficia as pessoas é ético e tudo o que as prejudica é aético (PEGORARO, 2010, p. 13).

4.2. Noção do mal

Após ter abordado os pensamentos sobre ética e moral, iremos analisar a ideia de mal, considerado sempre como algo ruim e que deve ser abolido. Não pretendo buscar a definição de mal, mas sim buscar o que é considerado mal e suas transformações, a fim de

compreender a boa receptividade das vilãs dos contos de fadas “reformuladas” na atualidade.

De acordo com Reinhold Ullmann, em seu livro *O mal* (2005), a partir do ponto de vista teológico, o indivíduo que possui falha de caráter, rompedores da moral e prejudica terceiros, seja lá qual for o motivo, é classificado como mal. Para o autor, o mal seria a negação do bem, um necessitando do outro para suas existências. A ideia de mal, assim como a moral e a ética, sofre influência do pensamento religioso. A noção de mal está ligada ao entendimento da ética e moral. Na sociedade judaico-cristã a questão do mal é diferenciada entre o mal sofrido e o mal realizado, baseando-se no pecado e na culpa.

Assim, podemos entender o motivo de por muito tempo os vilões serem maus sem motivos e sempre com fins trágicos. Ele representa a violência, causa o sofrimento do outro, tem a intenção de fazê-lo e por isso tem que ser punido severamente para servir de exemplo. Em seu livro *Evil – a challenge to philosophy and theology* (2007), Paul Ricoeur diz:

Em primeiro lugar, do lado mal da moral, a incriminação de um agente responsável isola a mais clara zona da experiência de culpa de um antecedente sombrio. Em profundidade, este abriga a sensação de ter sido seduzido por forças superiores que o mito não tem problema em demonizar. Ao fazê-lo, o mito é apenas a expressão do sentimento de pertencer a uma história do mal, que está sempre lá para todos.⁷ (RICOEUR, 2007, p.38)

O mito do mal como uma força superior existente gera a dualidade bem e mal, sendo um confronto de forças maiores, no qual o bem sempre tem que vencer pois é justo e ético. Todos têm que apoiar os bonzinhos e querer que os vilões paguem por suas maldades. Assim, é criado o mito do mal, muito utilizado pelas religiões, criando um adversário a ser combatido e odiado por todos: um vilão.

Para Paul Ricoeur, o mal pode agir no que se refere à conduta humana. O pensar é um desafio, pois o que é considerado bom para um, pode não ser para outro, e o indivíduo deve permanecer no código moral, mesmo que não seja sua vontade. O agir é a escolha de fazer o mal ou não, controlar os impulsos que podem levar à alguma atitude maligna. Já o

⁷ Livre tradução da autora. No original: “First, from the side of moral evil, the incrimination of a responsible agent isolates the clearest zone of the experience of guilt from a shadowy background. In depth, this harbours the feeling of having been seduced by superior forces which myth has no trouble in demonizing. In so doing, myth is only expressing the sense of belonging to a history of evil, which is always already there to everyone.”

sentir parte do princípio do “triunfo do bem”, pois seria a culpa ou lamentação de quem agiu de forma errada e agora se arrepende e sofre a punição, ou apenas o sofrimento da punição, sem necessariamente sentir culpa. Se o malfeitor não sofrer nenhuma pena, seria o “triunfo do mal”.

Já Michel Maffesoli, em seu livro *A parte do diabo – resumo da subversão pós-moderna* (2004) critica o emprego da dualidade bem e mal, a obrigatoriedade que deveria haver possibilidades de pensamentos, não apenas o “deve ser”. Para o autor, o moralismo cria verdades absolutas, que muitas vezes podem ser perigosas, e impor pensamentos, como por exemplo, os homens bombas. Ele nos leva ao questionamento de para quem seria esse bem. A punição do mal seria uma “violência do bem”, pois também causa o sofrimento do outro, pratica-se o mal, porém em nome do bem. Pelo bem “se decreta o que deve ser vivido e pensado, como se deve viver e pensar, e que se declara tabu esta maneira de viver ou aquele objeto de análise” (MAFFESOLI, 2004, p.12). Para ele, a ditadura do bem se torna do mal.

Nunca se dirá o suficiente a respeito de quanto a separação divina entre trevas e luz marcou profundamente a consciência ocidental. Toda a temática da emancipação moderna repousa nesta separação. (...) É a partir deste corte radical que se elabora o conflito metafísico entre o bem e o mal. (Ibidem, 2004, p. 40).

Na contemporaneidade podemos observar uma mudança no pensamento. Os vilões se tornaram mais atrativos, não há mais a dualidade clara entre bem e mal. As mudanças sociais originaram mudanças nos códigos morais. O autor denomina “mística da violência” a aceitação do mal, do imoral, dos excessos e demonismos como parte da vida. Atualmente a construção de valores está mais maleável, aceitando o que, antigamente, seria considerado imoral, pois é analisado de vários lados, inclusive do réu.

Constata-se uma volta do mal com toda a força. Refiro-me à face obscura de nossa natureza. Aquela mesma que a cultura pode em parte domesticar, mas que continua a animar nossos desejos, nossos medos, nossos sentimentos, sem suma, todos os afetos. Esta volta com toda força talvez seja aquilo mesmo a que nos referimos há algumas décadas, de maneira bastante incerta, como “a crise”. Fantasma que assombra a consciência dos dirigentes da sociedade, e que nada mais faz além de expressar o que eles haviam negado, mas que continuava existindo naquela memória imemorial que é o inconsciente coletivo (MAFFESOLI, 2004, p. 29).

Aceitar que não há perfeição seria reconhecer a presença do mal. Porém, não quer dizer que os indivíduos poderiam agir com má intenção, pois o mal ainda teria que ser combatido. Mesmo aceitando o mal, não é bem visto negar o bem, fazer o outro sofrer. Reconhecer o mal é se libertar das amarras morais e sociais, preocupar-se com o hoje e agora, não com o futuro. Atualmente, as pessoas querem fazer o maior número de atividades no menor tempo possível, retirando a intensidade e acrescentando a variedade. O limite entre o certo e o errado está mais frágil e confuso, sendo mais fácil quebrá-lo.

Empiricamente, o diabo, em suas diversas manifestações cotidianas, através de suas expressões no trágico corrente, tem uma existência real. Os efeitos de sua ação são inegáveis. Embora só o indique aqui de forma alusiva, os contos e lendas que nutrem ou assombram a infância, e continuam a perseguir o inconsciente coletivo, encenam fadas e bruxas, bons e maus, bonzinhos e malvados. Assim se explica igualmente o espetacular sucesso de Harry Potter e certos Halloween, formas modernas da antiga veneração dos espíritos (MAFFESOLI, 2004, p. 41).

A tirania do “dever ser” do bem acima de tudo faria com que o mal ressurgisse de forma discreta, em pequenas ações do cotidiano. Com a comunicação e entretenimento ocorreria o mesmo, abordando a parte obscura do ser humano, combinando o que é moralmente aceito à imperfeição do cotidiano. Os meios de comunicação representam os diversos papéis que o indivíduo pode ser na vida, bons e maus. “O que seria uma peça sem “vilão”? O que seria um mundo no qual só as almas boas mandassem? Um mundo totalitário, com certeza!” (MAFFESOLI, 2004, p. 50). A aceitação do bem e do mal faz com que nos questionemos o que seria realmente mal, o que pode ser aceito e o que não podemos aceitar de forma alguma. É importante destacar que as ações consideradas devem ser aquelas que prejudicam o outro, não o que você deve ou não fazer para as pessoas lhe acharem correto. Por exemplo, está correto definir que não se pode matar alguém, pois expõe toda a sociedade em ameaça. Fazer sexo ou não antes do casamento não é nenhum tipo de ameaça para a sociedade, é apenas uma escolha do indivíduo que ele tem o direito de decidir o que é melhor para ele.

Jean Baudrillard, em seu livro *A transparência do mal: ensaios sobre os fenômenos extremos* (2008), diz que a geração pós-moderna tem tudo ao seu alcance, possui excesso de permissividade, não estimulando sonhos e fantasias. A falta de normas, códigos, faria o indivíduo achar que pode fazer tudo, o estimulando a querer sempre mais, não conseguindo se contentar com o que tem, gerando frustrações. A insatisfação faria com que

despertassem os demônios interiores dos seres humanos, tendo vontade de transgredir a moral, permitirem-se ser bom e mal ao mesmo tempo ou totalmente mal.

Hoje podemos ver vilãs, bruxas, sendo representadas por mulheres bonitas e reconhecidas por seu talento, por exemplo, Angelina Jolie como Malévola, no filme de mesmo nome, Julia Roberts como Rainha Má em *Espelho, espelho meu*, e Meryl Streep como a bruxa, na comédia musical *Caminhos da floresta*. Cate Blanchett também ganhou destaque na nova produção de *Cinderella*, chamando a atenção da crítica, sendo chamada para fazer diversas entrevistas⁸ para falar do filme e como foi interpretar a vilã. Elas continuam vestindo cores escuras, representando o mal, mas a beleza seduz. Além disso, as maldades de muitas são relativizadas, justificadas por serem mal compreendidas, como a personagem Malévola.

Apesar do ser humano repulsar a violência em seu dia-a-dia, conhecendo o sofrimento, que existe maldade, ele se sente atraído pelo mal. Segundo Nietzsche, isso faz parte da animalidade do homem, que aflora, pois sempre é reprimido pelo dever de ser do bem. Faz parte do ser humano a dualidade bem e mal, ter vontade de se vingar, de “fazer justiça com as próprias mãos”, de fazer maldade. O vilão representa o inimigo, o lado oculto do indivíduo, representando metaforicamente a derrota do mal. Porém, atualmente com a sua humanização e “justificativa” para suas maldades, as pessoas estão se identificando através do seu lado sombrio adormecido.

⁸ Exemplo disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2015/03/queria-explorar-o-que-torna-alguem-cruel-afirma-cate-blanchett.html> Acessado em 02 de março de 2015.

5. RECEPÇÃO E ASCENSÃO DAS VILÃS DOS CONTOS DE FADAS

Os meios de comunicação cumprem um papel fundamental na construção da identidade dos indivíduos, principalmente, os meios audiovisuais. Filmes, desenhos, novelas são como um espelho para a sociedade que se sente representada e ao mesmo tempo é influenciada por eles. “O espectador de hoje, assim como o ouvinte medieval de ontem, não vê a realidade, mas é instruído pelas representações ficcionais sobre como conceber essa realidade de forma culturalmente aceitável” (COSTA, 2000, p.16).

Suas histórias, na maioria das vezes, procuram proporcionar uma lição de moral. “Uma sociedade só mostra de si mesma aquilo que julga conveniente exhibir” (DUBY, apud COSTA, 2000, p.15). Novelas, filmes e séries se tornaram locais de exposição de problematizações sociais e individuais, proporcionando a visão de diferentes pontos de vistas. Mesmo sabendo que não são histórias reais, o indivíduo se identifica com as personagens e suas adversidades, considerando que vivem situações semelhantes no dia-a-dia.

As histórias se desenvolvem, em sua maioria, em torno da dualidade bem e mal. Na definição dos vocábulos antagonistas e protagonistas, o primeiro significa “que ou quem atua em sentido oposto; adversário”⁹, já o segundo é “personagem principal”¹⁰. A mocinha e o herói são exemplos de perfeição e modelo a serem seguidos socialmente, que pregam o bem. Já os antagonistas são os personagens que geram o conflito da história, são contra os protagonistas bons e tem como “marca registrada” querer o mal e sempre atrapalhá-los. Porém, se observamos com atenção, o que movimenta a narrativa, o que a constrói, é justamente o conflito causado por eles. Além disso, muitas vezes, os vilões ou os obstáculos criados por eles servem de motivação para os heróis alcançarem seus objetivos, tornarem-se mais fortes e descobrirem a sua real capacidade. O mocinho também atrapalha o vilão a atingir seu objetivo, sendo apenas questão de ponto de vista quem é o “verdadeiro vilão da história”. Porém, até as produções mais atuais que colocam os antigos antagonistas como “mocinhos”, que seguem a própria moral e ética, baseiam-se na dualidade bem e mal, mesmo que seja um conflito interno do personagem.

Desde os contos de fadas, as meninas seriam ensinadas que as coisas boas só acontecem com as mulheres lindas, jovens e sem personalidade forte. Segundo Naomi

⁹ Disponível em FERREIRA, Aurélio. Mini Aurélio. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000, p. 46

¹⁰ Disponível em FERREIRA, Aurélio. Mini Aurélio. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000, p. 563

Wolf, em seu livro *O Mito da beleza* (1992), as mulheres que demonstravam ter personalidade forte, heroínas, não eram desejáveis, em contraste com a imagem desejável da princesa ingênua, sem malícia. “Uma linda heroína é uma espécie de contradição, pois o heroísmo trata da individualidade, é interessante e dinâmico, enquanto a “beleza” é genérica, monótona e inerte” (WOLF, 1992, p. 77).

Muitas mulheres costumavam desejar ser como as mulheres libertinas da literatura, porém, devido às regras sociais e o final trágico representado, elas escondiam seus anseios. O final das vilãs ou mulheres poderosas e manipuladoras, que não estavam dentro do padrão ideal estipulado da época, era muito ruim para servir de lição. As princesas, na maioria das vezes, eram descritas como submissas e passivas, que esperavam e tinha como objetivo principal de vida o amor verdadeiro. Apenas a união com o príncipe era capaz de gerar o final feliz. Era a reprodução do que se esperava de uma mulher e o que elas deveriam esperar para sua vida.

Como as libertinas são as únicas que sabem viver grandes paixões, não é difícil imaginar que, secretamente, as mulheres vitorianas tenham se identificado com as vilãs, tanto ou mais do que com as puras heroínas. (...) A mulher fatal vai em frente, segue seus impulsos, ignora as leis sociais. Mas a moral fica a salvo, porque o desafio será impiedosamente punido (COSTA, 2000, p. 36-37).

Por muito tempo, a mídia teria associado à imagem de feminilidade imagens de mulheres dóceis, jovens e belas. Só assim elas seriam desejáveis. Se a personagem não se enquadrasse no “padrão princesa”, ela seria má, castigada, não teria um par romântico ou um final feliz. Assim nascem as vilãs, que sempre têm inveja e perseguem as mocinhas. A Rainha Má, apesar de ser bonita, invejava e tinha obsessão pela beleza e juventude de Branca de Neve. Úrsula roubou a voz de Ariel e invejava o poder de seu pai. A madrasta de Cinderela e suas filhas rasgam o vestido de Cinderela, na tentativa de impedi-la de ir ao baile. Essa dualidade foi reforçada por muitos anos, principalmente pela Disney. A maioria das personagens “feias” é vilã ou cômica. Porém, quem nunca sentiu inveja? Quem nunca teve um sentimento ruim ou desejo de vingança?

Não existiria um final melhor para as bruxas, estas mulheres mal amadas e antropofágicas que caíram dos penhascos, que viraram monstros, que dançaram com chinelos de ferro em brasa? Ninguém quer ser como elas, ninguém quer ser “do mal”, ninguém quer ser derrotado. No entanto, ninguém consegue atingir o modelo de

virtude da princesa. Não estariam certas as bruxas, que tentaram eliminar este exemplo inatingível, esta forma fechada cujo padrão nunca conseguiremos nos encaixar? (GOMES; 2000, p. 177).

A doutora em Educação pela UFRGS, Paola Barreto Gomes, em sua dissertação de mestrado, *Princesas: Produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo* (2000), afirma que: “A princesa é uma figuração intrincada no ideal do ‘bem supremo’, sempre representado por condutas virtuosas e comportamentos que a cultura elege como certos. Se a virtude é avaliada sobre os comportamentos, é através da aparência que é expressada” (Ibidem, p. 145). Toda a bondade e qualidades positivas são exteriorizadas na aparência. Mesmo sendo martirizada, maltratada, sua integridade moral nunca é abalada. João Freire, em *Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias* (2005), fala sobre a representação feminina a partir do fim dos anos 50:

A publicidade, as revistas femininas, o cinema hollywoodiano e a ficção seriada televisiva refletem valores sociais dominantes e denigrem simbolicamente a mulher, seja por simplesmente não representá-las, seja por apresentá-las em situações ou atividades socialmente desvalorizadas. Tanto a condenação silenciosa como a estigmatização ostensiva influenciariam, por sua vez, as definições e os parâmetros de feminilidade, domesticidade e beleza por meio das quais as mulheres passavam a avaliar a si mesmas, aos seus relacionamentos, às suas necessidades e às suas aspirações (Freire, p. 21).

As cores também contribuem para caracterização das personagens. Cores iluminadas e delicadas, maquiagem discreta e unhas feitas do mesmo modo, são características das princesas. O preto, roxo, cinza e vermelho estão presentes nas roupas das vilãs. Batom e unhas vermelhas são utilizados por Malévola, por exemplo. Inclusive o cenário fica sombrio na presença das vilãs, representado, na maioria das vezes, por tempestades, vendavais e a noite.

Porém, hoje podemos ver que, com as mudanças nos valores morais, as antagonistas estão sendo “reformuladas”, conquistando o público. Ao contrário do que a modernidade pregava, a dualidade extrema entre bem e mal baseada na religiosidade, a pós-modernidade prega a existência do bem e do mal no ser humano, o yin-yang. Hoje, o mal é “aceito” e perdoado se tiver alguma razão para ser ou agir de tal maneira.

Os mitos, os contos e lendas, os filmes, o torrão local, o trágico da vida comum – tudo isto reitera a ontogênese da vida individual e coletiva. Tudo isto diz e rediz que, ao lado do bem, ali está o mal, ele é um estilo, de arte e de vida, todo inteiro, ressurgindo regularmente nas histórias humanas (MAFFESOLI, 2004, p. 50).

Segundo Georges Bataille, em seu livro *A parte maldita* (1975), o ser humano teria que extravasar suas negatividades. Faria parte da sociedade, desde que surgiu, a violência, crueldade, sexo e desigualdade, tendo que expô-la para alcançar o seu equilíbrio. Segundo o autor, cometer pequenas maldades seria melhor do que o indivíduo acumulá-las dentro de si e extravasar de um modo pior.

As pessoas estariam descrentes com a violência urbana, guerras, sentindo-se ameaçadas constantemente, preocupando-se mais com o hoje, o agora, aproveitando o máximo possível uma grande variedade de coisas, porém, com menos intensidade. Acrescentando a diminuição da influência dos ideais cristãos, constantes casos de corrupção dos e impunidade de governantes, os limites do que é certo e errado já não são tão claros, facilitando transgredi-los. No atual imaginário social a liberdade sexual, ostentar o luxo e outros “pequenos pecados” são vistos como positivos, ao contrário do passado. O mal seria apenas prejudicar sem motivos, de forma intencional, outra pessoa. Robert Muchembled, em *Uma história do Diabo – séculos XII-XX* (2001), diz que:

O diabo da Igreja aí perde o seu latim. Ele deixou de ser o senhor, ou o símbolo repugnante dos desejos bestiais que era absolutamente necessário controlar para garantir a salvação da sociedade cristã, ou, como diriam alguns, da difícil sobrevivência da espécie. Dotado de uma beleza noturna pelos românticos, que reabilitavam o abismo das paixões humanas e a selvagem energia da revolução libertadora, ele se tornou pouco a pouco mais desejável à medida que o ser humano deixava de desconfiar de si mesmo para mirar-se delicadamente em seu próprio espelho. O demônio interior moldou-se, assim, pelo narcisismo de seu hóspede, o que inverteu os códigos estabelecidos, a eles unindo o gosto sulfuroso do pecado ou do prazer perverso da transgressão. Depois das fulgurantes experiências de um Baudelaire, Satã se transformou suavemente, burguesamente, deixando o universo dos artistas e dos intelectuais torturados para tornar-se o grande suporte da publicidade, um produto de apelo capaz de desencadear reflexos pavlovianos de prazer (MUCHEMBLED, 2002, p. 299-300).

Assim, podemos observar nas novas representações das vilãs dos contos de fadas que, ainda que exista maldade, esse é relativizada, sendo justificada por algum trauma ou motivo oculto. Outras vezes, mal é representado por diabinhas a fim de enaltecer o prazer,

utilizadas como símbolo de sensualidade nos meios de comunicação. Na própria literatura, as personagens consideradas sem muitos padrões morais são capazes de viver grandes paixões.

As delícias das mulheres depravadas, livres, ambiciosas, eram descritas em detalhes, incendiando a imaginação de mocinhas e senhoras entediadas. Para desestimular qualquer identificação perigosa, os autores de folhetim (tanto quanto Flaubert) apelavam para o sentimentalismo, frequentemente descrevendo as mulheres fatais como mães desnaturadas, ao contrário das mulheres virtuosas, dispostas a qualquer sacrifício pessoal em nome dos filhos (COSTA, 2000, p. 36).

Na atualidade, vilãs são representadas por mulheres bonitas, sedutoras e as cores usadas antes para representar o medo, preto, roxo, cinza e vermelho, hoje são cores que representam o poder, a sedução e o desejo. Por terem sua maldade relativizada, muitas mulheres se identificam com elas, pensando que fariam a mesma coisa que a personagem se estivessem em seu lugar ou por já ter cometido atitudes semelhantes. Longe da perfeição imposta pelas princesas, elas são um modelo mais próximo a ser seguido e admirado, pois estão mais próximas da realidade. A mídia sempre se utilizou da imagem perfeccionista das princesas para estimular o consumo de produtos que auxiliariam as mulheres a alcançar esse ideal.

Imagens programadas de contos de fada continuam a embotar nossa sensibilidade em anúncios de TV em que mulheres são transformadas em Cinderelas num passe de mágica ao comprar um novo vestido, ao gastar seu dinheiro em tratamentos de beleza num SPA, ou ao usar os cosméticos certos. (ZIPES, apud COSTA, 2002, p. 28-29)

Mais uma vez, o exemplo da personagem Malévola prevalece. No filme em que protagoniza, a personagem vive um conflito interno com suas atitudes boas e más. Mostra-se forte, dedicada em defender seus amigos e o que acredita, superou um amor não correspondido, seguiu sozinha e aprendeu com seus erros e acertos a superar o trauma de ter sido traída e violentada por seu primeiro amor. O sucesso foi tão grande que a Disney cogita fazer o segundo filme até 2020, além da indústria de consumo que cresceu em torno da “vilã”.

A *M.A.C Cosmetics*, uma das maiores empresas de cosméticos do mundo, lançou uma coleção de maquiagem inspirada na personagem. Foram 14 produtos: um quarteto de sombras, um batom, um gloss, um lápis labial, um lápis para sobrancelhas, três esmaltes,

um primer iluminador, uma caneta delineadora, um pó de contorno e um de finalização e dois tipos de cílios postiços. Porém, ela não foi a única marca a dedicar produtos especiais à vilã. A marca *Vult*, também de cosméticos, lançou um estojo de sombra especial da personagem e de outras duas vilãs da Disney, Cruella de Vil e Rainha Má. A marca de esmaltes *Varnish* lançou uma coleção de esmaltes dedicada a seis vilãs: Cruella de Vil, Rainha Má, Malévola, Gothel, Rainha de Copas e Úrsula. Bonecas começaram a ser vendidas, canecas, sapatos, bolsa, cadernos. A indústria do consumo voltou-se para atender ao gosto contemporâneo. No parque da Disney em Orlando, há uma loja dedicada aos vilões, vendendo diversos produtos que remetem a eles. A Disney as nomeia como *Disney's Divas of Darkness* e possui em seu site¹¹ de vendas uma seção dedicada aos vilões. Essa dissertação não tem como intuito dizer que apenas as vilãs são queridas em detrimento das princesas, mas sim que hoje há um espaço para tais personagens que não havia antes.

Blogueiras publicam tutoriais¹² que ensinam a se maquiar como a Rainha Má de *Once upon a time* ou como a Malévola, por exemplo. Produzem vídeos¹³ declarando sua preferência pelas vilãs. Surge página¹⁴ no facebook com o nome *Minhas vilãs favoritas*, que, além das vilãs dos contos de fadas, também menciona as vilãs das novelas. A página publica frases irônicas, de enaltecimento a si mesmo, “verdades” muitas vezes não ditas, a fim de manter a boa convivência social. Essas são sempre acompanhadas da imagem de alguma vilã. A Capricho Online¹⁵, dedicada ao público juvenil, publicou um teste com o nome *Qual vilão da Disney você seria?*, o que há algum tempo atrás não faria nenhum sucesso, pois a maioria das pessoas se identificavam apenas com os mocinhos. O ilustrador norte-americano Justin Turrentine publicou na internet uma série de imagens das vilãs nomeada *Happy endings for Disney villains*, representando seus “finais felizes”. A edição diamante do *Blu-Ray* e DVD de *Branca de Neve e os Sete Anões da Disney*, teve um de

¹¹ Disponível em: <http://www.disneystore.com/disney-villains/mn/1000017/> Acesso em: 13 de maio de 2015.

¹² Disponível no blog Pausa para feminices: <http://www.pausaparafeminices.com/famosas/5-maquagens-da-regina-evil-queen-em-upon-time/> Acesso em 12 de março de 2015.

Disponível no blog Pretty Poison <http://prettypoison.com.br/maquiagem-inspirada-na-rainha-ma-de-once-upon-a-time/> Acesso em 12 de março de 2015.

¹³ Disponível o exemplo no canal no youtube da blogueira Fernanda Zau em <https://www.youtube.com/watch?v=GhCawDqWlQ8&feature=youtu.be> Acesso em: 25 de maio de 2015.

¹⁴ Disponível em <https://www.facebook.com/MinhasVllasFavoritas?fref=ts> Acesso em 03 de dezembro de 2014.

¹⁵ Disponível em: <http://capricho.abril.com.br/testes/qual-vilao-disney-voce-seria-797459.shtml> Acesso em: 12 de maio de 2015.

seus banners de divulgação apenas com a Rainha Má. Em muitos blogs, sites e redes sociais, as vilãs são consideradas “Divas”.

Lembrando que essa mudança de pensamento social afetou até as princesas, como já dito anteriormente. Merida em *Valente* prova que não precisa ser igual a sua mãe para ser uma boa rainha no futuro. Tiana, em *A princesa e o sapo*, sonha em ter o próprio restaurante, não com um amor verdadeiro. Em *Enrolados*, Rapunzel sonha em conhecer o mundo do lado de fora da torre. O amor acontece, mas não é mais o principal objetivo. Assim como a atual realidade das mulheres, que trabalham, estudam e cada vez menos acreditam que, para serem felizes, precisam apenas de um amor verdadeiro. Ela começa a traçar planos e novos modelos de vida que sejam de acordo com seus ideais. Conquistam novos espaços, tornam-se mais independente e passam a não se identificar mais com as antigas representações. Surgem revoluções feministas que clamam por direitos igualitários, inserção no mercado de trabalho e o direito de expor seus direitos sexuais.

Os produtos midiáticos fazem com que realidade e ficção se misturem. Segundo Guy Debord, em seu livro *A sociedade do espetáculo: Comentários sobre a sociedade do espetáculo* (2000), vivemos em uma “sociedade do espetáculo”, onde o real é transformado em produto para ser consumido e a “relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 2000, p. 14). A história da sociedade e suas transformações são reproduzidas pelos meios de comunicação, originando uma espetacularização.

Tal mudança nas atuais produções audiovisuais não deixa de lado a beleza, generosidade e amor, apenas mostra novos modos de ser, sem ser a perfeição pregada anteriormente. A cultura da mídia e a indústria do consumo acompanham as mudanças sociais e as estimulam ao perpetuar os novos padrões. A publicidade feita em torno dos produtos dedicados às vilãs é que, ao ser consumido, as mulheres teriam o mesmo poder, beleza e independência que elas.

No entanto, segundo Freire, é difícil dimensionar o real impacto da mídia no imaginário social. A análise do consumo de estereótipos perpetuados pela mídia permite “inferências inequívocas acerca dos efeitos daqueles artefatos sobre o público” (FREIRE, 2005, p.27). Além disso, o autor afirma que os receptores desses produtos midiáticos são diferentes das pessoas de carne e osso que interpretam, refletem e produzem sentidos a partir de suas experiências sociais e culturais. Sendo assim, é difícil saber com exatidão como o público receberá esses produtos, pois cada indivíduo tem uma vivência diferente,

permitindo que nem sempre a mensagem seja apreendida de acordo com a ideia inicial do transmissor. Ele conclui destacando que:

Um estudo efetivo sobre a representação das minorias na mídia não deve restringir-se ao mero levantamento estático de representações estereotipadas, sem maior embasamento histórico e teórico; é fundamental se interrogar sobre a origem destas imagens social e ideologicamente motivadas, por que elas perduram e são produzidas, e, por fim, como vêm sendo (ou devem ser) questionadas e rechaçadas (Ibidem, p.27).

Não há uma exclusão das princesas tradicionais. Não sabemos se a mídia, com certeza, influencia a sociedade com seus novos produtos midiáticos ou se eles são apenas espelho do imaginário social. O fato é que está ocorrendo uma mudança e que vale a pena ser discutida.

6. CONCLUSÃO

É inegável que os contos de fadas sempre terão um papel fundamental na formação da mentalidade infantil e nos afetará até a vida adulta. A partir daí, conseguimos entender a importância da dualidade bem e mal para o amadurecimento e superação dos medos. Por muitos anos, todos almejavam ser perfeitos como as princesas e os e heróis, um padrão impossível de ser atingido. No entanto, na contemporaneidade podemos observar uma mudança no perfil das novas princesas e até algumas vilãs conquistaram o carinho e admiração do público. Ao longo desse estudo buscamos compreender as transformações sociais que fizeram com que personagens antes tão odiados, tornarem-se amados.

Ao conhecer profundamente algumas das atuais vilãs, consegui perceber o motivo de terem se tornado tão amadas. Elas possuem conflitos internos, tentam superar suas dificuldades, assim como fazemos todos os dias. É muito mais fácil admirar e amar alguém que você se identifica, do que com alguém que parece estar bem longe da realidade, como as princesas.

Símbolo de poder, beleza e sensualidade, acredito que a vilã conquiste o público, principalmente, por ter a coragem de agir de acordo com o que deseja, não com o que a sociedade espera e prega como correto. É a exposição do nosso lado sombrio, que muitas vezes desejamos expor ao mundo, mas ficamos com medo das represálias. Próximas da realidade, a personagem tem o conflito interno entre trevas e luz. Gostaria de deixar claro que não é excluído o teor maligno e violento em suas más ações, elas apenas tornam-se justificáveis por algum motivo oculto até o momento.

Foi interessante observar a mudança da ética e moral ao longo do tempo. Antigamente, muito influenciado pela moral cristã, com a definição de bem e mal com limites bem definidos. Por não ser um estudo filosófico, houve a apresentação apenas de uma pequena parte da reflexão dos valores éticos e morais ao longo do tempo, de acordo com o momento e a sociedade da época. Na atualidade, nos baseamos nas leis judiciárias ao invés das leis divinas, relativizando o mal e aceitando e justificando os pequenos erros. A mídia, sendo reflexo e/ou influência para a sociedade, tem em vários de seus produtos midiáticos vilãs lindas, interpretadas por grandes atrizes, com suas vilanias justificadas, as tornando “mais humanas” e conquistando o público.

Uma indústria de consumo cresce em torno da nova tendência, surgindo produtos, principalmente cosméticos, a fim de que ao ser consumido, proporcione a beleza e poder

das vilãs mais admiradas do momento. Redes sociais, blogs e vídeos aproximam os fãs das divas do mal e fortalecem o poder de sua imagem. Isso estimula a perpetuação do novo padrão. Vale destacar que a beleza, generosidade e perfeição das princesas ainda são cultivadas socialmente. Porém, agora divide espaço com as vilãs, o que seria impossível de acreditar há algum tempo.

Termino esse estudo conhecendo um pouco mais do lado sombrio oculto em mim, acreditando que dentro de toda pessoa boa existe um vilão pronto para ser despertado, esperando apenas a situação mais propícia para isso. Além disso, a definição do que é correto ou não depende do ponto de vista exposto da situação. Viver em um mundo que somos obrigados a lidar com corrupções dos governantes, violência e a disputa por poder, a individualidade fala mais alto. Cada vez mais é convidativo agir pensando apenas no que nos fará bem, mesmo que acabe prejudicando o outro.

Encerro esta monografia a fim de levantar a discussão sobre a mudança do pensamento social e da construção de personagens admirados. Até que ponto a maldade poderá ser aceita? Será que no futuro qualquer tipo de erro, se justificado, será aceito? Qual o limite que estabeleceremos em realizar nossos anseios em detrimento do próximo? O estudo social nunca terá fim. Apenas cabe a nós entender a sociedade na qual vivemos para torná-la melhor para todos.

BIBLIOGRAFIA

- BATAILLE, Georges. **A parte maldita: precedida de “A noção de despesa”**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal: ensaios sobre os fenômenos extremos**. São Paulo: Papirus, 2008.
- BETTLEHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.
- COSTA, Cristiane. **Eu compro essa mulher: romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- DEBÓRD, Guy. **A sociedade do espetáculo: Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A Terapia dos Contos**. In: *Contos dos Irmãos Grimm*, Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005.
- FRANZ, Marie-Louise Von. **A sombra e o mal nos contos de fada**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- FREIRE, João Filho. **Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, número 28, dezembro de 2005.
- GOMES, Paola Basso Menna Barreto. **Princesas: produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo**. Tese de Mestrado – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- HANS, Christian Andersen. **A Rainha da Neve**, São Paulo, Manole Editora, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo – resumo da subversão pós-moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MUCHEMBLED, Robert. **Uma História do Diabo – séculos XII-XX**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.
- NIETZCSHE, Friedrich. **A Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- PEGORARO, Olinto. **Ética dos maiores mestres através da história**. Petrópolis: Vozes, 2010.

- RICOEUR, Paul. **Evil – a challenge to philosophy and theology**. New York: Continuum, 2007.
- ULLMANN, Reinhold. **O mal**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.
- ZIEGESAR, Cecily von et al. **O livro dos vilões**. Rio de Janeiro: Galera, 2014.

FILMOGRAFIA

- **Frozen**. Direção: Chris Buck e Jennifer Lee. Produção: Walt Disney Animations Studios, 2013, 102 min, cor.
- **Malévola** (Maleficent). Direção: Robert Stromberg. Produção: Walt Disney Pictures, 2014, 97 min, cor.
- **Once Upon a Time**. Produção: Kathy Gilroy, Samantha Thomas, Andrew Chambliss, Christine Boylan, Ian Golberg, Brian Wankum, Kalinda Vazquez, Robert Hul, Jane Espenson, 2011, 43 min/episódio, cor.
- **Musical Wicked: the untold story of the Witches of Oz**. Produção: Joe Mantello, 150 min, 2003

ANEXO I



Figura 1. Malévola na animação A Bela Adormecida



Figura 2. Rainha Má após feitiço de disfarce para enganar Branca de Neve



Figura 3. Malévola criança ao lado de seu primeiro amor, Stefan



Figura 4. Angelina Jolie como Malévola



Figura 5. Pôster filme *Descendants*, que será lançado em 2015



Figura 6. Rainha Má em *Once upon a time*

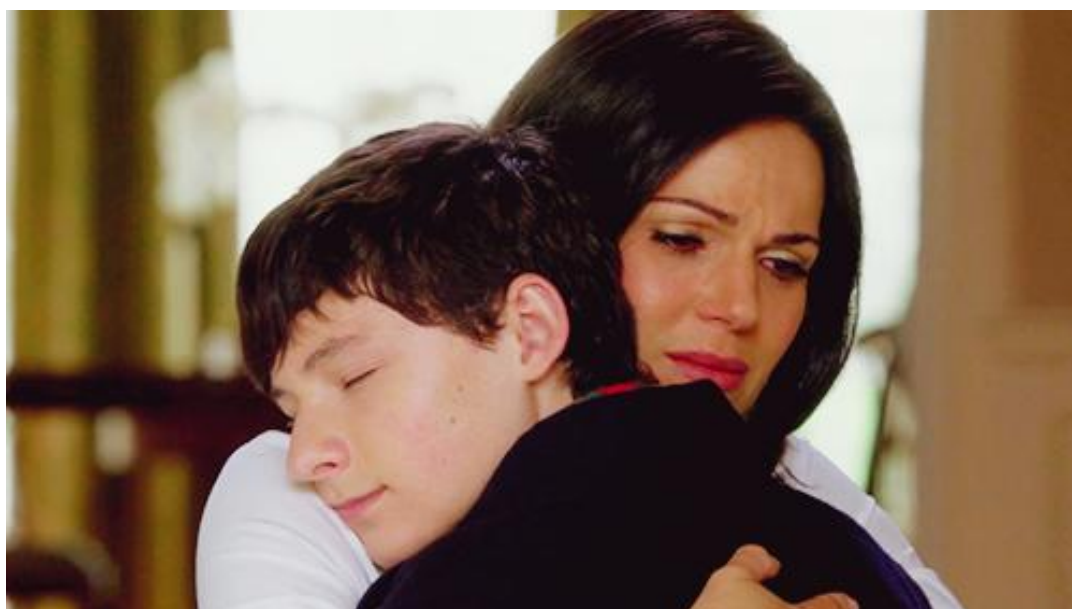


Figura 7. Regina Mills (Rainha Má) com o filho, Henry, em *Onde upon a time*



Figura 8. Úrsula em *Once upon a time*



Figura 9. Malévola em *Once upon a time*



Figura 10. Rainha Elsa, da animação Frozen



Figura 11. Musical Wicked: the untold story of the Witches of Oz

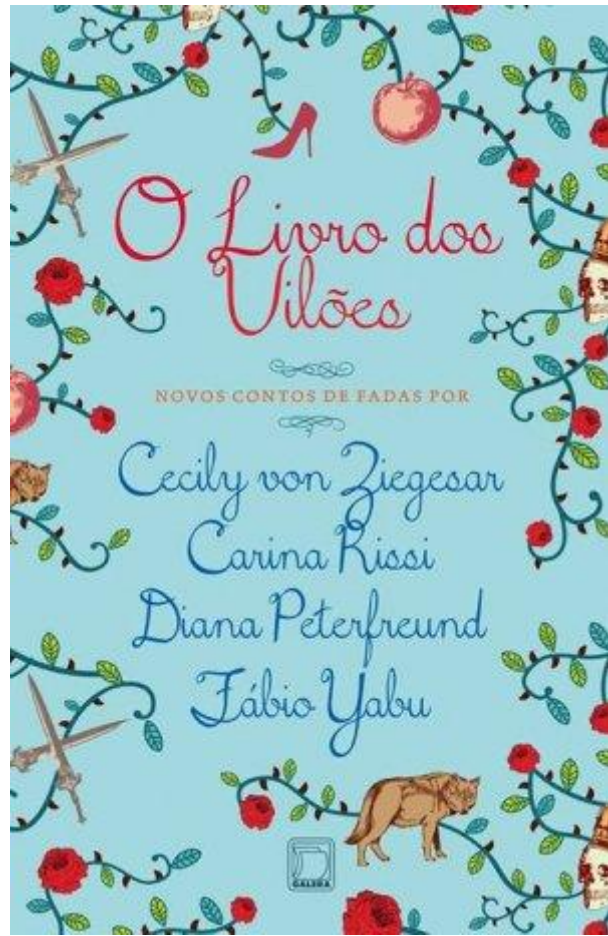


Figura 12. O livro dos vilões, publicado pela editora Galera Record



Figura 13. Coleção da M.A.C Cosmetics inspirada em Malévola



brutavaresppf

🕒 9m



♥ 348 curtidas

💬 brutavaresppf Bom dia com noticia Mara! Todas as paletas da Vult vilãs da Disney estão sendo vendidas na @maquiadoro aqui ó: www.maquiadoro.com.br/vult-ct-9b5db

Figura 14. A blogueira Bruna Tavares mostrando no seu perfil no Instagram as paletas da Vult, Vilãs da Disney



Figura 15. Tutorial para se maquiar como Regina Mills (Rainha Má) na página Pausa para Feminices, da blogueira Bruna Tavares



Figura 16. Coleção de esmaltes da marca Varnish, dedicada às seis vilãs: Cruella de Vil, Rainha Má, Malévola, Gothel, Rainha de Copas e Úrsula



Figura 17. Caneca com o tema



Figura 18. Cadernos com as vilãs
Malévola



Figura 19. Sapatos da Malévola



Figura 20. Bolsa com o tem vilãs



Figura 21. Bonecos Malévola jovem e seu amor, Stefan e Boneca Malévola após ter suas asas cortadas



Figura 22. Posts da página do facebook *Minhas vilãs favoritas*

capricho.abril.com.br/testes/qual-vilao-disney-voce-seria-797459.shtml

CAPRICHÔ 000

FAMOSOS • MODA • BELEZA • VIDA REAL • BLOGS • HORÓSCOPO • TESTES • T

Publicidade



Qual vilão da Disney você seria?



1. Se você estivesse em um desenho animado, em qual desses lugares gostaria de morar?

- Em um castelo secreto, no alto de uma torre.
- No fundo do mar, claro!
- Em um lugar bem diferente, como um navio.
- Em um palácio enorme, bem no meio da cidade.

2. Qual dessas palavras mais descreve sua melhor amiga?

- Discreta.
- Conselheira.
- Engraçada.
- Distraída.

3. Qual dessas frases passa pela sua cabeça pelo menos uma vez ao dia, embora você tenha vergonha de admitir?

- "Ai como eu odeio ela."
- "Ai, que preguiça. Não vou na academia hoje, não."
- "Não conta para ninguém que eu te contei, mas..."
- "Nossa, que cabelo bonito essa menina tem. Quería que o meu fosse igual."

4. Quando precisa tomar uma decisão, você se preocupa mais em...

- Seguir o meu coração.
- Ouvir conselhos de quem eu gosto.
- Seguir a minha intuição.
- Seguir a minha razão.

5. Qual dessas "moralis da história" é a mais bonita e significativa para você?

- "Enfrente seus medos."
- "Confie na sua família e em quem realmente gosta de você."
- "Nunca deixe a criança que vive dentro de você morrer."
- "Ajude o outro para ser ajudado também."

6. Imaginando de novo que você é um desenho, qual superpoder gostaria de ter?

- Seria muito legal me transformar em um animal quando quisesse.
- Voar: um sonho!
- Ficar invisível teria muitas vantagens...
- Quería conseguir me teletransportar para qualquer lugar.

VER RESULTADO

Figura 23. Teste Qual vilã Disney você seria? no site da Capricho